

GNOSIS



O Caminho da Liberdade

Roger Alves

*Para Angela, Dharma, Guilherme
e todos os meus outros professores na escola da vida*

ÍNDICE

Apresentação	5
Introdução.....	7
Preâmbulo - No Umbral dos mistérios	11

PRIMEIRA PARTE – O QUE É GNOSIS

CAPÍTULO 1 - Gnosis	14
CAPÍTULO 2 - A Gnosis nas antigas tradições	19
CAPÍTULO 3 - (Re)Conhecer	23
CAPÍTULO 4 - Escutar o chamado	30
CAPÍTULO 5 - (Des)Aprender	35
CAPÍTULO 6 - A voz do silêncio	42
CAPÍTULO 7 - Fundamentos biológicos da Gnosis.....	46
CAPÍTULO 8 - Os mistérios	53
CAPÍTULO 9 - Formas e princípios	59
1. Nossa verdadeira natureza e sua origem	63
2. A condição da existência.....	64
3. A queda	64
4. Somos partes de um todo	65
5. A necessidade da condição humana para o retorno ao nosso ponto de origem	66
CAPÍTULO 10 - As antigas tradições iniciáticas	68
CAPÍTULO 11 - A Gnosis e a Era de Aquário.....	73

SEGUNDA PARTE – OS QUATRO FUNDAMENTOS DA GNOSIS

CAPÍTULO 12 - A Gnosis como Filosofia	87
CAPÍTULO 13 - A Gnosis como Ciência.....	91
CAPÍTULO 14 - A Gnosis como Arte.....	95
CAPÍTULO 15 - A Gnosis como Religião	98
CAPÍTULO 16 - O despertar da visão	101
Convicção, clareza e foco	106
Escuta profunda e empatia.....	107
Atitude.....	109
Visão transcendente	110
CAPÍTULO 17 - Descobrir um novo estilo de vida: o faquir	114
O que é um faquir?	116
CAPÍTULO 18 - Transcender o negativo: o monge.....	125
CAPÍTULO 19 - Despertar para a realidade interior: o iogue	136
CAPÍTULO 20 - Transcender a dualidade: o homem equilibrado	149

TERCEIRA PARTE – O CAMINHO DE VOLTA

CAPÍTULO 21 - O templo interior.....	163
CAPÍTULO 22 - Gnosis: o caminho da liberdade	171

Apresentação

Movidos pelo anelo de conhecimento é que hoje apresentamos este livro, sendo motivo de alegria ainda encontrar seres que se importam em levar a mensagem de liberdade para toda a humanidade.

É por isso que felicitamos ao instrutor Gnóstico Roger Alves e a sua família, por ser constante e ter capturado a necessidade de compartilhar com a humanidade o conhecimento da Gnosis.

Gnosis, o Caminho da Liberdade. Assim se chama este livro, que permite aos neófitos investigar de forma precisa sobre os conceitos Gnósticos, com uma interpretação justa, feita com tino, pelo nosso querido Roger.

Vamos descobrindo, na medida em que entramos em cheio nas páginas do livro, que a Gnosis é universal, universalista, que nos permite ser científicos e religiosos ao mesmo tempo, compartilhando os mistérios da arte e da autêntica filosofia.

Neste escrito está presente a Gnosis, que é a vivência, a prática, a verdade que contém cada coisa, cada fato, cada ser humano, porque foi uma arte escrevê-lo, esteve a filosofia como parte das vivências do irmão Roger que ficaram evidenciadas no livro, a ciência perfeita em muitas declarações que poderão encontrar e, finalmente, a mística que nos desperta o anelo de conhecer a nossa morada original.

A didática é um instrumento de altíssimo poder para ensinar uma doutrina; vemos neste livro a didática que tem sido utilizada há milhares de anos, porém atualizada para o momento presente.

Isso nos enche de entusiasmo, porque a Gnosis é perene e atemporal, mas necessitamos de filósofos e pensadores contemporâneos para que, nadando no mar do conhecimento Gnóstico, possam explicar para aqueles que estão hesitantes em lançarem-se nas águas puras e cristalinas que compõem o mar em questão.

Assim, anelamos que este escrito que vem à luz, ilumine a mente do estudante gnóstico e do aspirante sincero para a conquista da Liberdade.

A liberdade se começa a desejar quando nos damos conta que estamos presos, escravos em diferentes áreas da vida. A partir desse momento se dá o primeiro passo para a liberdade.

Os carcereiros que oprimem ao aspirante se encontram dentro e fora. Há perigos por dentro e por fora do caminho em direção à liberdade.

Mas vale a pena!

Desejamos-lhes uma leitura serena, que lhes permita mergulhar na paz interior que tanto necessitamos, para compreender nossa existência e liberar-nos, conquistando a Felicidade perene.

*V. M. Galeno
27 de junho de 2017
Monastério "SAMAEL"
ROMA*

Introdução

É com grande alegria que apresentamos esta nova obra do irmão Missionário Gnóstico Roger Alves que vem à luz desde o BRASIL para iluminar a todo o estudantado que se inicia em nossos estudos gnósticos.

Queremos felicitar muito sinceramente ao irmão Roger pois de uma maneira simples e clara conseguiu apresentar neste livro os fundamentos da Gnosis através de suas próprias vivências e reflexões.

E isso é de suma importância porque essa é a verdadeira GNOSIS, ou seja, o que a própria pessoa vai conseguindo capturar, entender, compreender através de suas próprias experiências no exercício de todos os postulados, práticas e ferramentas que a ESCOLA ESOTÉRICA fornece em relação ao conhecimento.

Este livro contém um perfil claramente filosófico e psicológico da GNOSIS através das reflexões e vivências do autor, ponto ao qual deve chegar todo aspirante à Iniciação, à verdade e à iluminação.

Este processo geralmente acontece no mundo físico, mediante o ingresso às Escolas Esotéricas ou Escolas Iniciáticas que se compõem de diferentes níveis ou CÂMARAS, que o estudante deve ir passando até chegar ao seu objetivo.

Na história da humanidade, existiram e existem estes diferentes níveis de aprendizagem, começando com a Primeira Câmara ou Câmara mais exotérica, onde ao estudante são

apresentados os temas relacionados com o corpo de doutrina ou o que poderíamos chamar de "as regras do jogo".

Se o estudante se interessa e é capaz de passar as provas esotéricas correspondentes avança à Segunda Câmara, mais mesotérica, onde deve passar ao coração as lições que recebeu o intelecto, fazendo uso da compreensão.

Se consegue passar as provas esotéricas correspondentes a este nível, o estudante avança para a Terceira Câmara, já com uma compreensão própria do CORPO DE DOCTRINA, para viver nos fatos e através de sua própria vida os ensinamentos recebidos no intelecto e já depositados em seu coração.

A terceira câmara é esotérica e é para aspirantes que já estão totalmente decididos a percorrer o caminho interior de seu próprio autoconhecimento, na busca da LIBERDADE, da SABEDORIA e da VERDADE.

Se o aspirante consegue passar as provas esotéricas correspondentes à Terceira Câmara e adquire um nível vibratório interior adequado, está pronto para dar o próximo passo, que é o ingresso para o que no esoterismo se chamam as CÂMARAS HERMÉTICAS.

É ali na CÂMARA HERMÉTICA que o estudante encontra com seu MESTRE, com seu GURU, que irá conduzi-lo de uma forma exata pelos degraus da INICIAÇÃO CÓSMICA, através do exercício da DOCTRINA SECRETA.

Existe uma máxima esotérica que diz que quando o discípulo está pronto, o MESTRE aparece. Não é o discípulo que busca ou encontra ao MESTRE, é o MESTRE que busca ou encontra ao discípulo.

Devido ao fato que as TRÊS CÂMARAS anteriores acontecem geralmente de forma acadêmica em uma sala de conferências, com um grupo, com um instrutor, em um dia e hora determinada, com um tempo determinado, existe a ideia errônea de que a CÂMARA HERMÉTICA é da mesma forma. Porém não é assim.

A CÂMARA HERMÉTICA é um ÁTOMO no CORAÇÃO da pessoa e entra nela por uma frequência vibratória, é por isso que não tem as formalidades anteriores, não há sala de conferência, pode ser em qualquer lugar, até mesmo no lugar mais improvável como no corredor de uma casa, em uma varanda, debaixo de uma árvore, na rua, em um carro, etc.

Tampouco há dia e hora prefixada para que aconteçam os ensinamentos do GURU a seu DISCÍPULO, isso pode ser a qualquer dia e em qualquer momento, muitas vezes no momento em que menos se espera.

Tampouco há uma extensão de tempo determinado para transferir os ensinamentos ou conhecimentos, simplesmente se usa o tempo físico necessário para transferir os ensinamentos que são necessários para o DISCÍPULO.

Tampouco há um número determinado de alunos, em muitas vezes há um só, às vezes um pouco mais, às vezes uns poucos...

Quando em uma verdadeira ESCOLA ESOTÉRICA INICIÁTICA se compreendeu corretamente a ideia filosófica de tudo isso que estamos falando, se forma o que no Oriente chamam um SATSANG.

O termo sânscrito SATSANG se compõe de duas palavras:

SAT: verdade

SANGA: companhia

SATSANG é "a companhia da mais alta verdade".

SATSANG é "a companhia de um guru."

SATSANG é "a companhia de um grupo de pessoas que falam, buscam e assimilam a verdade, sem julgar ou criticar uns aos outros."

No verdadeiro SATSANG os buscadores da verdade têm uma grande vantagem que é receber ENERGIA DIVINA diretamente de Deus...

Em boa hora sai ao campo de batalha, a obra GNOSIS, o caminho da Liberdade, muito obrigado ao irmão Roger por seu esforço, por sua preocupação pela humanidade e por sua compreensão da filosofia da GNOSIS...

*V.M. MICHAEL
Monastério AEON 13
Monte Olimpo, Grécia
21 de junho de 2017*

Preâmbulo

No Umbral dos mistérios

Existe uma ciência secreta... um caminho sinuoso que cruza o rio dos séculos, esgueirando-se por entre o mundo, que permanece inalterável, indiferente às mudanças da cultura e o passar do tempo...

Essa ciência se assemelha ao delicado fio de fumaça de um bastão de incenso, que sobe em direção ao invisível: ele se dispersa sempre que tentamos prendê-lo, e não se sujeita ao nosso esforço em defini-lo dentro de uma forma específica.

Como ciência que transcende o método, esse conhecimento se revela em lapsos de inspiração, naqueles raros momentos em que ultrapassamos a barreira do conhecido e nos aventuramos para além das fronteiras do que está estabelecido como racional.

Ainda assim, existe uma lógica nesta ciência ou Gnosis, embora seja uma lógica não-linear, que se expressa na proporção em que abrimos mão do que julgamos bom ou ruim.

Talvez os poetas e as crianças encontrem essa ciência com mais facilidade, no balanço das folhas no parque ou na descoberta do ponto de equilíbrio entre as desajeitadas passadas que damos ao aprender a caminhar, e a deliciosa sensação de liberdade que impulsiona a seguir nessa dança...

A natureza inteira está repleta dessa sabedoria. Mas a mente que descreve, que rotula, que etiqueta tudo que encontra, é sua inimiga. Porque o conhecimento racional fala sempre sobre o

aprendido e, portanto, está rígido, como um corpo em decrepitude.

A mente conceitual vive dentro da fantasia do tempo, e transita dentre os limites do conhecido ao conhecido, e a Gnosis dos mistérios é fluir, é vida acontecendo plenamente, é manifestação presente e espontânea, desprovida de comparativos.

Essa sabedoria que se expressa no instante é a origem de todo conhecimento estabelecido no mundo. Pois primeiro os homens vivem, e depois sistematizam...

E enquanto vivem os mistérios, são plenos e vivos; mas quando sistematizam, petrificam e se afastam daquilo que um dia lhes proporcionou a visão e a plenitude.

Assim é a ciência secreta da Gnosis.

Tudo que escrevermos sobre Gnosis, não é Gnosis. É uma tentativa de apontar uma direção, como uma placa indicando para onde se deve dirigir o olhar.

Por isso, talvez seja mais fácil descrever partindo do que não é Gnosis, ou o que nos afasta dessa ciência.

Este livro é uma tentativa de falar sobre esse caminho invisível para os olhos do mundo, mas sensível para o coração sincero e curioso.

Que os Guias do Caminho o abençoem e transformem cada palavra em um sabor inefável de mistério e de reencontro...

O autor

PRIMEIRA PARTE

O QUE É GNOSIS

CAPÍTULO 1

Gnosis

Advirto-te, seja quem fores! Oh tu, que desejas sondar os mistérios da natureza! Se não encontras dentro de ti o que procuras, tampouco haverás de encontrar fora! Se ignoras as excelências de tua própria casa, como haverás de encontrar outras excelências? Em ti está oculto o tesouro dos tesouros! Homem, conhece a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses!

Inscrição no pórtico do Templo de Delfos,
consagrado ao Deus Apolo

Tudo que somos, enquanto indivíduos e enquanto espécie, é o resultado de um esforço contínuo em busca de compreender a natureza e transformá-la. As áreas em que estamos mais avançados ou mais atrasados revelam precisamente a direção desses esforços e os valores mais presentes em nossa cultura.

O mesmo acontece com nossa linguagem. Nosso vocabulário possui mais palavras para descrever tudo aquilo com o qual estamos familiarizados, pois com a familiaridade vem a percepção das variações, das sutilezas e diferenças entre as coisas que, para um leigo, são praticamente iguais.

Um *chef* de cozinha terá um vocabulário bem elaborado para designar diferentes molhos, talheres e copos adequados para cada bebida; um médico pode descrever diversas patologias com sintomas semelhantes. Um apaixonado pela pintura pode reconhecer detalhes em um quadro que identificam não só a técnica empregada pelo artista, mas também o movimento ao qual a obra pertence e ainda os aspectos que são como que a assinatura pessoal do artista.

Os gregos antigos, pais da filosofia ocidental, eram especialistas em conhecimento. Por isso existem, na língua grega, várias palavras para designar o conhecimento, segundo sua origem e profundidade.

Existe o conhecimento fruto da crença ou opinião pessoal (*doxa*), que é diferente do conhecimento fruto do aperfeiçoamento em um ofício específico ou arte (*techné*), assim como o conhecimento científico, ou seja, aquele que busca as causas e condições para os efeitos visíveis na natureza (*epistémé*). E existe um outro tipo de conhecimento, que surge como um entendimento, um estado interior que nos dá a capacidade de reconhecer a verdade ou entrar em contato com

o âmago de uma experiência. Esse tipo de conhecimento é chamado *gnosis*.

Gnosis é o conhecimento que surge dentro da pessoa, por meio de um insight, uma inspiração, uma intuição ou revelação divina. Esse entendimento pode surgir espontaneamente ou ocorrer como resposta a uma experiência vivida.

No dia-a-dia, a Gnosis se expressa como compreensão, uma nova maneira de perceber. Um lampejo de lucidez que nos faz perceber algo, um dar-se conta, que muitas vezes não conseguimos sequer transformar em palavras. Toda compreensão que nos dá a impressão de abrir uma janela em direção a um universo de novas possibilidades, isso é a experimentação do que chamamos Gnosis.

Mesmo que essa mudança de percepção possa ser provocada por uma leitura, ou por uma música, filme, ou pelas palavras de alguém, a Gnosis sempre é um fenômeno interior, um movimento da própria essência em direção a si mesma, um estado de autopercepção em que, ainda que por alguns instantes, nossa consciência enxerga além dos seus próprios condicionamentos e limitações.

Esse entendimento que surge vem carregado de uma forte sensação de acordar de um sono que nos aprisionou por um longo tempo. E o mais incrível é que, se tentássemos descrever essa mudança de percepção, provavelmente recorreríamos às mesmas explicações que muitas vezes já lemos ou ouvimos, mesmo que elas jamais tivessem causado tal comoção interior, pois antes eram apenas conceitos que penetravam pela via do intelecto, e agora emergem em nossa comunicação na tentativa de transcrever para o mundo aquilo que sentimos no mais profundo de nós mesmos...

A Gnosis é um fenômeno íntimo, promovido pela própria consciência ao dar-se conta de si, pois nesse processo de reconhecimento ela acessa forças sutis, mas poderosas... Inteligências arquetípicas há muito esquecidas ou distanciadas pela força de nossa identificação com as coisas do mundo exterior...

Agora podemos entender melhor a inscrição no pórtico em Delfos, ao mostrar que a porta de acesso à sabedoria de todas as coisas é fazer com que nossa essência vá percebendo a si mesma e então a verdade começa a transbordar durante esse movimento, na forma de intuição, inspiração ou entendimento. E esse é o caminho para conhecer o universo e os deuses que habitam nosso reino interior, que segundo o princípio hermético das correspondências (chamado de princípio hologramático na ciência acadêmica), são exatamente os mesmos deuses que estão no mundo exterior.

Ao conectar-se com sua própria verdade, nossa essência interior ativa sua conexão com a essência de todas as coisas que estão fora de nós e assim o entendimento profundo do mundo exterior se torna gradativamente mais e mais acessível...

Mais além da aparência temporal, cada criatura é, em essência, como uma simples gota do Oceano da Vida, porém cada gota carrega em si todas as propriedades do oceano inteiro... e é por isso que, ao tomar consciência de si, começa um movimento de reconexão com o todo e é dessa forma que essa compreensão nos permite capturar intuitivamente a verdade contida em qualquer área do conhecimento... é como se, ao invés de ler e capturar a informação com o intelecto, tivéssemos um estado em que podemos sentir cada coisa por dentro, como é de verdade... isso é a experiência da Gnosis.

Gnosis é, portanto, uma experiência profunda e misteriosa de reconexão e de reconhecimento de todas as coisas a partir de sua própria natureza. E é por isso que essa é a origem de todos os conhecimentos produzidos no mundo.

Primeiro surge o entendimento interior, um estado de inspiração que abre a janela em uma direção ainda não vista; para logo em seguida, essa percepção ser sistematizada e transformar-se, mediante a linguagem, em epistême, ou conhecimento científico-filosófico.

Gnosis é o movimento que acontece na proporção em que estamos sensíveis e atentos para ver e ouvir sua expressão dentro de nós. E esse movimento transforma-se em um estado de consciência inefável e libertador, que uma vez reconhecido, passa a ser buscado, perseguido... tornando-se uma forma de viver a vida.

Um antigo axioma da ciência hermética diz que “quando o discípulo está preparado, o mestre aparece”. Esta expressão encerra o que explicamos sobre Gnosis.

Talvez o “mestre”, ou seja, o aprendizado, o ensinamento, esteja sempre disponível; mas é só quando o discípulo está pronto que ele se revela. Ou seja, o entendimento aparece quando estamos prontos para entender e isso é um fenômeno interior, que depende de nossa capacidade de estarmos abertos e receptivos à experiência do novo.

CAPÍTULO 2

A Gnosis nas antigas tradições

E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

Evangelho de João

A busca pela realização da nossa verdadeira natureza tem sido o objetivo de todas as grandes tradições do oriente e do ocidente. Gnosis é o termo grego que aponta o caminho e também o resultado dessa busca. Mas nas diferentes tradições encontramos termos que também descrevem exatamente essa mesma busca.

No oriente, na tradição tibetana chamada Dzogchen, o termo equivalente a Gnosis é Rigpa, que é o conhecimento da nossa verdadeira natureza, da consciência primordial, do estado naturalmente desperto de nossa essência. Segundo Alan Wallace, pesquisador e grande praticante dessa tradição, que foi por muitos anos tradutor do Dalai Lama para as línguas ocidentais, é "a camada mais profunda e fundamental [da consciência], onde o 'interior' (mente) e o 'exterior' (mundo fenomênico) não são duais. A realização da consciência primordial é a porta de entrada para a iluminação completa."

Rigpa e Prajna são termos correspondentes, um em tibetano e o outro em sânscrito. Prajna é o conhecimento transcendente e espontâneo da verdade última. Conhecimento que se mostra como insight ou apreensão intuitiva sobre como as coisas são. É a Gnosis do Ser em seu processo de conhecer a si mesmo.

Entre os egípcios, a Gnosis é personificada em uma divindade, símbolo da Verdade-Justiça: a Deusa Ma'at. Seus símbolos são o coração, fonte de expressão dessa verdade, e a pena da avestruz. No momento em que uma pessoa desencarnava, a Deusa Ma'at colocava o coração dessa pessoa em um prato da balança da Justiça e no outro, a pena de avestruz. Se o coração pesasse o mesmo que a pena, era sinal de que esta pessoa tinha vivido segundo sua própria verdade, ou seja, tinha seguido a sabedoria de seu próprio coração e

assim escapava dos sofrimentos do correspondente aos infernos egípcios.



Ma'at: Deusa Egípcia que personifica a Verdade-Justiça

Os chineses referem-se ao Tao como sendo os princípios que organizam toda a natureza e o universo; e Wu-Wei como o caminho para entrar em harmonia com o Tao. Wu-Wei pode ser traduzido como “não-ação”, no sentido de assumir uma postura frente à vida onde não projetamos mentalmente a melhor forma de agir, mas apenas atuamos seguindo a espontaneidade de nossa própria natureza, de nossa essência. Ou seja, os taoístas confiam em sua própria essência como o caminho mais adequado para entrar em harmonia com a vida e assim alcançar a sabedoria. A não-ação é um caminho onde se confia que o pássaro já sabe voar, o peixe já sabe nadar e o homem já possui a sabedoria; apenas precisa livrar-se das artificialidades que construiu e que ocupam o espaço onde deveria habitar a sua própria verdade.

Semelhante a essa descrição, nas tradições budistas existe o Dharma, que é, ao mesmo tempo, a fonte de onde surgem as leis que regem a natureza; e o caminho para integrar-se com essas leis. O Dharma é, portanto, o princípio de tudo, a finalidade ou o ponto final da jornada e também a estrada para

alcançar a sua própria verdade, que é nossa própria natureza primordial, búdica.

No cristianismo primitivo, esses aspectos são personificados no Cristo, ou seja, o caminho (para chegar à sua própria verdade), a verdade (a fonte de tudo e o ponto de retorno) e a vida (aquilo que nós somos, nossa verdadeira natureza), compreendendo Cristo como um nível de consciência ou inteligência arquetípica que se expressou através do Mestre Jesus.

Posteriormente, na medida em que o cristianismo foi se organizando no sistema dos patriarcados, surgiram duas correntes ou duas formas de perceber os ensinamentos deixados pelo kabir da Galileia.

De um lado, os ortodoxos que buscavam sistematizar a doutrina cristã em um conjunto de preceitos simples e uniformes, para que se popularizasse como religião; e do outro, aqueles que ficariam conhecidos como gnósticos, pois buscavam manter como essência do cristianismo a revelação ou entendimento por meio da graça divina e, portanto, um fenômeno místico, particular, onde cada um deveria buscar acessar sua própria verdade.

O lema destes cristãos estava nas palavras de Jesus, ao dizer: "Conheceí (gnosis) a verdade, e ela vos libertará". Neste momento, unia-se sob um mesmo sentido, dois termos irmãos, com significados quase idênticos: Cristo e Gnosis... aproximando-nos de um dos maiores mistérios do cristianismo primitivo: o mistério de que Cristo não é uma pessoa, mas sim nossa própria verdade, nosso próprio Ser...

CAPÍTULO 3

(Re)Conhecer

Jesus disse: Se vossos guias vos disserem que o reino de Deus está nos céus, então os pássaros vos precederiam; se estivesse nos mares, então os peixes vos precederiam; mas ele está dentro de vós e também fora de vós. Se vos conhecerdes sereis reconhecidos e sabereis que sois filhos do Deus Vivo; se não vos conhecerdes vivereis na miséria e vós mesmos sereis essa miséria.

Evangelho Apócrifo de Tomé

Existe uma mesma mensagem, que segue ecoando desde tempos imemoráveis até os dias de hoje, dita de tantas maneiras, em tantas linguagens, que nem seria possível enumerá-las; se expressa sempre como um chamado à luz, ora entalhado na dura rocha, descrito nos mitos, representado nos mais distintos cenários do mundo, cantado em versos, manuscrito em textos, monitorado em sofisticados aparelhos... essa mensagem carrega em si o código da vida, a ciência particular do bem e do mal, e inicia sua atividade em nós produzindo um misterioso anseio por plenitude, assim como um pássaro anseia por sair de seu ninho e conquistar os ares, mesmo antes de saber que nasceu para isso...

Vindo de fora, do mundo exterior, tal mensagem não pode fazer mais do que servir como um dedo apontando para dentro. Por sorte, essa mensagem não vem só de fora, senão que ecoa sobretudo na Alma de cada pessoa... e cada um que a reconhece, sente ter encontrado o tesouro perdido do qual falam as antigas lendas. As leis que regem a vida e os princípios da natureza estão contidos nesse código.

Porém, a mensagem não traz uma verdade para o mundo: mais do que isso, traz nossa própria verdade, aquilo que somos em essência, aquilo que resta quando todas as camadas de artificialidade e esquecimento são removidas... E o reconhecimento de nossa própria verdade nos dá o entendimento da verdade de todas as coisas, porque em síntese, são uma só e única coisa, que por derivação se manifesta de múltiplas maneiras.

Só a consciência pode atender a esse chamado e começar a intuir esse código. Na verdade, só ela pode reconhecer a sua própria natureza, o seu próprio chamado. A Consciência, ao

ouvir essa inquietude que vem de seu Ser mais profundo, anseia por reconhecer a si mesma. Ou, nas palavras do grande Mestre Gnóstico do século XX, Samael Aun Weor:

A razão de ser do Ser é o mesmo Ser. Só o Ser pode conhecer a si mesmo.

O Ser, portanto, se autoconhece na Gnosis. O Ser, reavaliando-se e conhecendo-se a si mesmo, é a autognosis. Indubitavelmente, esta última, em si mesma, é a Gnosis.

O autoconhecimento do Ser é um movimento supra-racional que depende dEle, que nada tem que ver com o intelectualismo.

O sentido da vida é que a vida que habita em nós conheça a si mesma. Só assim pode encontrar felicidade, plenitude e paz. Esse processo de autodescoberta é produzido por meio da autognosis ou Gnosis, que é o mesmo.

Gnosis é o processo interior de compreender o chamado de sua própria natureza e exercer seu lugar no mundo.

A Gnosis é o ponto de apoio para todo entendimento não-racional e se expressa naturalmente ao longo de toda a existência: no momento em que o bebê busca instintivamente o seio da mãe; ou quando a vida procura seu par para repetir o mistério que torna a criação à imagem e semelhança do Criador; ou quando se expressa nas folhas que caem no outono para economizar forças para a longa travessia; no pássaro que voa, no tatu que se enterra, nos vermes que devoram a carne fétida, enfim, em toda a inteligência da natureza, que cumpre seu papel no mundo, desde o infinitamente grande ao infinitamente pequeno, ali está a vida reconhecendo a si mesma e se

expressando a partir de sua própria verdade... e isso é Gnosis: a simples e profunda percepção de todo impulso de vida que emerge espontaneamente, tanto do corpo (instinto) quanto da alma (intuição), em busca de espaço para expressar-se, e que não passa pela elaboração da mente que descreve, que interpreta, que rotula.

Observe-se que, nesse sentido, não há razão para separar a expressão biológica da expressão psicológica, nem diferenciar em nós o animal do divino, pois o corpo e a mente se transpassam e pertencem a um mesmo conjunto sagrado e misterioso que chamamos de SER e que busca reconhecer sua própria natureza, em cada pequeno movimento que faz...

O reconhecimento profundo de nossa natureza biológica, instintiva, já é parte da autognosis que cada criatura busca encontrar e é o início dessa caminhada.

Existem os que acreditam que somos "uma pessoa que possui uma alma"... enquanto outros acreditam que somos uma alma que provisoriamente habita um corpo. Mas as duas coisas não são distintas.

Somos, portanto, a plenitude de possibilidades de nossa experiência em cada momento da existência, tanto no campo material como imaterial, no carnal e psíquico, tanto do animal-biológico como do transcendente-divino, pois essa separação é meramente conceitual e têm servido ao longo dos séculos de tradição ocidental para nos afastar, em parte, de nossa verdadeira natureza.

Nossa experiência corporal abarca a totalidade daquilo que somos, ou seja, não é mera experiência provisória – é a própria divindade que desce e se sacrifica na matéria. Nosso corpo

também é parte integrante de nosso SER, e possui tantas riquezas e mistérios quanto nossa alma... pois o Criador se expressa por completo em cada um dos espelhos do mosaico que o constitui...

Foi a separação entre o carnal e o divino que manteve a humanidade distante de sua própria potência, por não ser capaz de reconhecer que toda experiência é, em última análise, transcendente e inefável, mesmo as que provisoriamente nos distanciam de nossa própria verdade... já que nosso Ser colhe de tudo, aprende com tudo, não há safra perdida... e dos grãos obtidos, escolhe e ajusta o rumo de seus novos investimentos.

No que diz respeito à nossa espécie, somos simultaneamente os que possuem o maior potencial, mas também a maior dificuldade; pois somos a parte da natureza que está pronta para conhecer-se em sua plena potência.

Na criatura humana, o Ser está suficientemente maduro para a experiência de transcender a força de seu próprio instinto e manifestar sua natureza mais íntima. E esse anelo é na realidade o Ser se movendo nas entranhas da alma, avisando que o momento de despertar chegou...

Para os humanos, no entanto, a realidade é muito mais complexa que no mundo natural. Os outros animais seguem apenas o impulso de sua natureza biológica e vivem de acordo com o que lhes acontece.

O homem, ao contrário, possui um poderoso mecanismo que lhe permite vivenciar mil coisas em um único acontecimento, pois foi dotado com a capacidade de imaginar e sentir além do que a experiência pura dos sentidos lhe oferece, podendo simular experiências não vividas em sua mente.

Só a espécie humana é capaz de atribuir sentido aos acontecimentos de tal maneira que o significado construído possa modificar completamente a experiência vivida. Esse é o nosso maior potencial e, ao mesmo tempo, nosso maior empecilho para manifestar nossa própria Gnosis.

Torna-se um obstáculo porque através disso podemos mergulhar em mundos tão subjetivos e abstratos que nos afastam ainda mais de nós mesmos; mundos onde uma marca, uma etiqueta ou o preço das coisas que se compra podem supostamente definir quem a pessoa é... bolhas de realidade tão densas que nos afastam até mesmo das experiências biológicas mais elementares, como a experiência de perceber-se igual a qualquer outro ser humano, por compartilharmos das mesmas necessidades e fragilidades que todos os demais.

Porém o ato de sonhar e construir realidades oníricas nos mostra o poder de não estar mais tão condicionado às experiências meramente biológicas... ou seja, indica o potencial para transcender nossa própria natureza humana, reconectando-se à nossa natureza primordial, àquilo que realmente somos.

Nessa jornada, é nosso próprio instinto que, paradoxalmente, nos tira de sua própria prisão... e isso só começa a acontecer quando o enxergamos como algo a ser reconhecido e integrado como parte de nosso caminho de transcendência.

O Reino de Deus, de que falam as escrituras cristãs, nada mais é do que um estado de consciência, de plena potência manifesta, que transborda a visão e se faz experiência vivida, sentida.

No Evangelho Apócrifo de Tomé, Jesus descreve que “o reino de Deus está dentro de vós e também fora de vós”, já que toda criação é um espelho do Criador... mas a porta de acesso a esse estado de consciência só abre por dentro, ou seja, há que aprender a identificar “as excelências de nossa própria casa” a fim de notar as excelências contidas do mundo.

“Se vos conhecerdes sereis reconhecidos” - essa é uma frase profundamente significativa: conhecer a si mesmo é, na verdade, reconhecer, perceber-se e esse é um processo não conceitual, mas de pura catarse... ou como já dito, um dar-se conta de si, que nos proporciona intuir a natureza fundamental ou o código da vida de cada coisa do mundo. Mas se não formos capazes de olhar para dentro, nos tornaremos a própria miséria de nossa visão superficial e essa miséria definirá a forma como viveremos nossas vidas...

Se estamos buscando esse tipo de estudos, é muito provável que esse chamado já tenha ecoado no fundo de nossa alma, nos lançando na mais fascinante de todas as travessias, que é a busca por si mesmo.

O simples fato de estarmos, nesse instante, acompanhando essas linhas, é sinal de que uma mudança muito especial está se processando em nós, uma transformação que começa do centro e se estende para fora... E o entendimento deste texto é sinal inequívoco de que essa mudança começou a se processar há muito mais tempo que nossa memória consiga lembrar...

CAPÍTULO 4

Escutar o chamado

Torna-te quem tu és.

Nietzsche

Quem somos e o que isso significa? À medida que nossa vida avança, somos inclinados a crer que a somatória de nossas experiências vividas define nossa identidade, ou seja, acreditamos que somos o resultado das oportunidades que tivemos, das aprendizagens que acumulamos, das batalhas que vencemos e também daquelas em que fomos derrotados.

Costuma-se pensar que a vida nos oferece a colheita de tudo que semeamos e que o presente é o produto final de nossas experiências dos anos passados... mas se fosse apenas isso, nossa existência se constituiria em um processo linear, de escolhas e resultados, causas e consequências, onde uma consequência anterior limitaria as possibilidades para uma nova ação, restringindo nossa vidas às consequências futuras e assim sucessivamente em uma cadeia contínua, deixando pouco ou nenhum espaço para novas escolhas e as mudanças vindas delas.

Existe, no entanto, um aspecto que não obedece ao princípio de causa e efeito... é algo que secretamente se move, indiferente aos resultados do que a pessoa já realizou, bons ou ruins... como um chamado, que anseia realizar-se e exercer sua majestade no mundo. Ou seja, é algo que a qualquer momento pode encontrar uma forma de mudar positivamente o rumo de uma existência, mesmo que ela tenha sido até então vazia ou superficial. Foi o que sucedeu, por exemplo, a Saulo de Tarso, na estrada para Damasco; e é o chamado típico que inicia a jornada arquetípica de todos os heróis míticos.

Esse princípio é o que faz a semente manter seu potencial de ser árvore, mesmo que esteja em um terreno infértil e árido por muito tempo... e esse impulso interior pode até mesmo ser

sufocado por toda a vida, sem, no entanto, perder sua potência de modificar completamente o rumo de uma existência.

E ainda que as experiências da vida possam abafar essa força, ela segue emitindo um pulso intermitente, muitas vezes imperceptível, modelando detalhes das experiências vividas, deixando pistas de um caminho de plenitude que pode, em uma mudança das circunstâncias, vir a ser...

Por mais incrível que possa parecer, a nossa experiência do presente é formada por duas coisas:

- 1) Pela soma de tudo que fomos – ou melhor, do que acreditamos que nos tornamos a partir das experiências vividas; e
- 2) Pela força de nosso futuro arquetípico que anseia realizar-se - aquilo que estamos nomeando aqui como o chamado de nossa potência interior, querendo SER. Nosso presente sofre influência do passado e também de nosso futuro...

Nosso passado (experiências) e nosso futuro (vir-a-ser ou potência) contribuem com ingredientes diferentes para a soma do que manifestamos no momento presente.

O passado nos dá as experiências vividas e com elas formamos nossa identidade, com suas crenças sobre o que somos ou não capazes.

O futuro nos entrega um potencial de habilidades e caminhos latentes que anseiam por encontrar expressão... e mesmo quando são oprimidos pelas circunstâncias da vida ou pelas escolhas que deles nos afastam, seguem expressando-se em sonhos... E não raramente chegam ao ponto de fazer o corpo ou a mente adoecerem, como limite de seus esforços, indicando

de forma dramática a necessidade de repensar o que a pessoa tem feito da sua vida...

É impressionante a quantidade de relatos de pessoas que precisaram sofrer um drástico revés na vida, para então refletir sobre o rumo que estavam tomando e assim começar a seguir o impulso de sua essência.

Nesse chamado está nosso talento no mundo, nossa habilidade de fazer bem-feito aquilo que sentimos que nascemos para fazer... é a potência gritando e seu chamado é um processo de reconhecimento íntimo ou autognosis, em que o Ser reconhece quem ele é e o que veio expressar no cenário da vida... é como o pássaro descobrindo suas asas e o peixe, suas nadadeiras...

Nosso chamado possui uma identidade, como uma assinatura única, vinda de nosso Ser... não existem duas pessoas no mundo com o mesmo chamado, com a mesma potência, com a mesma combinação de impulso, talento e visão... por isso, manifestá-lo é permitir que o mundo se engrandeça com esses frutos únicos que só nossa própria Árvore da Vida pode oferecer...

Imaginemos o quanto nosso mundo teria perdido em beleza, em sentido, em desenvolvimento, sem pessoas como Leonardo Da Vinci, Beethoven, Tesla, Madre Teresa, Einstein, Sócrates, Gandhi... notoriamente, estes grandes homens e mulheres ouviram seu próprio chamado.

Nem sempre a inquietude de nossa alma nos encaminha para o reconhecimento no mundo. Mas seguramente, toda pessoa que honra aquilo que faz seu coração pulsar mais forte, todo aquele que escolhe ser a cada dia uma versão melhor de

si mesmo, aprendendo a expressar aquilo que o torna mais feliz e que de alguma forma contribui para que todos os seres sejam felizes, é uma pessoa que está deixando um legado grandioso.

(Des)Aprender

O mestre Nan-In certa vez recebeu um professor universitário, que veio lhe inquirir sobre o Zen. Este iniciou um longo discurso sobre seus conhecimentos, buscando fundamentar conceitualmente suas dúvidas.

Nan-In, enquanto escutava, lhe servia chá. Ele seguiu enchendo a xícara, mesmo depois dela começar a transbordar e inundar a mesa.

O professor, vendo o que acontecia, não pode mais se conter e disse:

— Mestre, está muito cheia! Não cabe mais chá!

Então, Nan-in disse: — Você vem a mim com a sua xícara assim, transbordando. Como pode querer colocar algo a mais, sem antes esvaziá-la?

Conto Zen

Até aqui, três pontos precisam ficar claros:

- 1) A Gnosis é um fenômeno de reconexão consigo mesmo, onde nosso Ser reconhece sua própria natureza;
- 2) Nessa reconexão, surge o entendimento e a compreensão, geralmente através de um insight, intuição ou inspiração;
- 3) Em toda criatura existe um chamado intermitente de seu próprio Ser, que luta por realizar aquilo que, em potência, já é; e o pleno amadurecimento desse manancial de possibilidades é o que chamamos de a autorrealização íntima do Ser, que acontece quando uma pessoa atinge um alto nível de reconexão com a sua própria potência interior. Nem todas as pessoas do mundo estão prontas para esse estágio de despertar, mas todas as pessoas que buscam o autoconhecimento seguramente estão e esse é um processo que já está se desenvolvendo em cada uma delas... em cada um de nós, que buscamos esses estudos.

Algumas pessoas buscam isso desde muito cedo e podem inclusive recordar eventos da sua infância ou adolescência em que faiscavam lampejos de inquietude ou de uma lucidez rara e inusitada... algumas relatam experiências extracorporais e não compreendiam o que estavam vivenciando.

Outras pessoas viveram toda sua existência, até este momento, completamente alheias a esse chamado. Mas por um motivo qualquer, ou por uma virada da vida, agora buscam o autoconhecimento.

Em ambos os casos, trata-se apenas de diferentes estratégias adotadas pelo Ser interior de cada um, didáticas distintas que visam o mesmo objetivo que é a reconexão e a compreensão de sua própria verdade.

Ao dispor-se a começar essa jornada em busca de si mesmo, algo que não pode faltar é desenvolver a habilidade de esvaziar-se, ou de desaprender.

Para muitas pessoas, desaprender tem um preço altíssimo e que elas não estão dispostas a pagar. Afinal, sob nossos conhecimentos repousa nossa identidade e nosso senso de competência e segurança.

O problema, na verdade, não é tanto o que já sabemos; mas sim o espaço que isso ocupa em nosso mundo e o quanto isso limita nossa capacidade de aprender mais.

Disse o mestre Zen Shunryu Suzuki: "As possibilidades na cabeça de um novato são infinitas; mas muito limitadas na cabeça de um perito".

Nossa mente geralmente se move do conhecido ao conhecido e quando já temos um determinado nível de informação em uma área, a tendência mais normal é nos acomodarmos no terreno seguro do que já foi aprendido.

Isso dificulta o acesso a novos saberes ou ao desenvolvimento de novas habilidades. Quem, afinal, gostaria de sair do status de expert para mergulhar de novo na simples condição de iniciante?

Além disso, quando julgamos que já sabemos algo, nossa mente petrifica em uma direção específica de tal modo que toda informação que chega sobre aquele assunto precisa primeiro

passar pelo aval do saber já assentado... então as possibilidades se tornam pequenas, muito limitadas.

Diante dessa constatação, a mente *expert* pode reivindicar seu direito adquirido, exclamando: "Ei! Só um momento... mas se eu sei muito sobre uma coisa específica e alguém chega com uma informação que não se encaixa no que eu já sei, é óbvio que eu devo assumir uma postura fechada e de desconfiança; afinal, eu construí meu castelo com muito esforço e não posso destruí-lo cada vez que uma coisa nova aparece!"

O problema desse protesto é que a mente congela não só dentro de um conhecimento, mas também dentro de uma visão específica daquele conhecimento, ou seja, dentro de método e também dentro de um saber já estabelecido, matando o espírito investigativo que o moveu naquela direção.

Disse certa vez um amigo que todo ponto de vista é tão somente a vista de um ponto... de quantas maneiras se pode olhar para uma mesma coisa e quanta riqueza existe em cada um desses olhares?

Certamente, nosso olhar carrega a assinatura inconfundível de nossa própria experiência, de nosso mundo e abrir-se para outros olhares é permitir acumular o produto das décadas vividas pelos demais... Assim, desprovido dos muros de proteção, fora do terreno seguro de nossas certezas, podemos encontrar possibilidades inimagináveis, que sempre nos enriquecem, porque nos permitem reconhecer a jornada de quem as produziu.

Baixar o nível de certezas e aguçar a curiosidade e abertura, gerando um estado de receptividade àquilo que o momento nos apresenta, tanto dentro de si quanto fora: é o que

chamamos de desaprender, ou aprender a aprender de novo, depois de já ter aprendido.

Na prática, o que já possuímos não é desaprendido de fato; é apenas guardado, para que possamos entrar em contato com o que surge em uma atitude mental de abertura a novas experiências. Para depois, esse novo aprendizado ser integrado ao que já possuímos, tornando nosso saber mais abrangente.

Dizia Confúcio, o grande sábio e legislador chinês: "O homem tem uma só boca e dois ouvidos; porque insiste em falar mais do que escutar? "

Desaprender tem a ver com o que o jornalista e escritor Artur da Távola denominou como "ouvirtude", ou a habilidade poderosa da escuta sensível:

Ouvir é um desafio de abertura interior. De impulso na direção do próximo, comunhão. Ouvir é proeza e virtude. Deveria haver a palavra "ouvirtude". Ouvir é raridade, ato de sabedoria. Só depois que se aprende a ouvir começa a sabedoria. Descobre-se, então, o que os outros estão dizendo a propósito de falar.

Para encontrar a Gnosis, é preciso compreender que não vamos apenas agregar mais um conhecimento ao que já temos. Para que a Gnosis se expresse em nosso coração, ela precisa encontrar um espaço... e desaprender é abrir esse espaço.

Para isso, é necessário deixar de ser o que somos hoje, ou melhor dizendo, aquilo que nos tornamos, para então realizar o que realmente somos em potência, cumprindo assim com nosso chamado.

Por mais paradoxal que possa parecer, o dilema entre ser ou não-ser resolve-se primeiro deixando de ser o que provisoriamente se é, ou seja, não sendo o que “somos”... para que então aquilo que verdadeiramente somos possa florescer e concretizar-se.

Certa vez, alguém perguntou às pitonisas, em Delfos, quem seria o homem mais sábio do mundo. Sua resposta: Sócrates. As pessoas então foram até ele, contaram esse fato e, em resposta, ele disse: “Apenas sei que nada sei”.

Muitos tomaram esta resposta como demonstração de sua humildade, mas em tal afirmação, Sócrates entregava a fórmula da Sabedoria.

Ao entrar em contato com o mundo, é preciso estar vazio, para que as possibilidades presentes nos proporcionem novas oportunidades de aprendizado. Mas se entramos em contato cheios de nós mesmos, somos como a xícara que não cabe mais chá...

Por essa razão o Cristo dizia que o reino dos céus pertence às crianças. São elas as que estão mais receptivas, curiosas, abertas ao que o mundo tem a lhes oferecer...

Ser como criança é confiar que a vida vai nos brindar com tudo aquilo que necessitamos para crescermos... Criança, nesse contexto, é todo aquele que vive o presente com o olhar atento e curioso, que entra por inteiro em tudo que faz, que não está erguendo muros para se proteger dos perigos, nem tem medo de fracassar...

Desaprender, esvaziar-se, é fundamental para abrir-se às possibilidades desconhecidas que aguardam silenciosamente

uma oportunidade em nosso mundo interior... essa é a via de acesso para os mistérios, para a Gnosis.

CAPÍTULO 6

A voz do silêncio

Os vossos corações conhecem em silêncio os segredos dos dias e das noites.

Mas os vossos ouvidos anseiam pelo som do conhecimento do vosso coração.

O Profeta, de Gibran Khalil Gibran

Como já estudamos, carregamos em nosso corpo e em nossa psique nosso próprio código de vida, as nossas tábuas da lei, nossa verdade interior...

Gnosis é o fenômeno íntimo de reconhecer ou recordar esse código; e isso ocorre através da "voz sem palavras", daquilo que emana de nosso âmago e se expressa principalmente através de nosso coração tranquilo.

A psique tem muitas formas de manifestação: pensamentos, raciocínios, sentimentos, emoções, percepções, comportamentos, desejos, sonhos, impulsos, sensações... Em geral, tais manifestações ocorrem segundo a lei de ação e consequência, como resposta aos eventos, tanto do mundo exterior como do mundo interior.

Em meio ao turbilhão caótico desses estados interiores, essa voz do silêncio segue um pulso rítmico, emitindo o chamado, quase inaudível, daquilo que somos.

Sócrates identificava essa voz interior como o seu Daimon particular, uma voz que lhe apontava os erros e os perigos, porém não o impedia de fazer nada. A palavra *daimon* vem do grego δαίμων e significa Espírito, Divindade ou Gênio. Trata-se de nosso próprio Ser Interior Profundo, uma inteligência superior que concentra diversos arquétipos, que são nosso espelho ideal de perfeição, do qual somos apenas um reflexo.

Assim, o Daimon é nosso Pai Interior, nosso Mestre, Guia ou Sábio Conselheiro e é o que vamos manifestar em nossas ações, palavras e visão quando integrarmos totalmente nossa própria verdade.

Nossa essência ou consciência não é mais que uma faísca desse Ser... é a parte que desce ao mundo e se sacrifica na

matéria, tal como o arauto que abre caminho para a chegada do rei e que vai na frente, anunciando a vinda de seu senhor.

Gnosis é o processo em que essa conexão entre a consciência e o Ser se estabelece novamente e por isso que as antigas tradições descrevem a Gnosis como o conhecimento obtido por meio de uma revelação ou graça divina; pois no fundo, é a sabedoria que se faz compreensão no coração humano, por meio da expressão do Ser em seu fenômeno de autognosis.

Essa conexão, esse reencontro consigo, é recordação... só podemos recordar aquilo que um dia já aprendemos... e assim é nossa conexão com nossa verdade interior.

Para que a voz do silêncio – o chamado de nosso Ser – se expresse, é necessário produzirmos um espaço interior de liberdade, estabilidade e calma, e acostumar-se a penetrar nesse espaço sagrado e ali permanecer, como um refúgio, um abrigo que nos permite sustentar essa conexão presente. Isso, em síntese, é o que todas as tradições contemplativas, tanto do oriente quanto do ocidente buscam através das técnicas meditativas, não importando qual técnica estão empregando...

Na medida em que descobrimos esse Daimon ou Espírito e entendemos as formas que Ele utiliza para falar em nosso coração, vamos sentindo cada vez a necessidade de gerar esse silêncio interior, como quem afasta os móveis da sala, abrindo espaço para que algo ali possa acontecer... E assim começamos a nos embriagar dessa energia e buscar cada vez mais estar em sua presença... construindo assim um perfeito refúgio, que protege nossa lucidez de todas as influências que vêm de fora e também de dentro...

Nesse processo, começamos a nos acostumar que o coração nos ensine coisas que a mente ainda não tinha aprendido... que sintamos as coisas de uma forma tão peculiar que aprendamos a distinguir quando elas são vindas dessa voz interior, pois carregam um sabor inconfundível, totalmente distinto das elaborações da mente. E assim, nosso corpo e nossa psique passam a ser antenas que capturam a frequência de tudo que existe no mundo... pois no fundo, é nosso Daimon tomando consciência de nosso próprio código de vida, que é Ele mesmo...

CAPÍTULO 7

Fundamentos biológicos da Gnosis

*Só se vê bem com o coração;
o essencial é invisível aos olhos.*

O Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry

Diversas tradições e sábios da antiguidade atribuíam ao coração as faculdades da consciência e da mente (mente no sentido de “aquela que conhece as coisas”).

Os gregos antigos apontavam o coração como a sede dos sentimentos, da intuição e do conhecimento imediato; os hebreus e egípcios percebiam o coração como aquilo que expressa o que o homem é em seu íntimo, incluindo nisso a sua consciência e até a sua memória.

A mesma percepção aparece em geral em toda cultura ocidental, e por isso muitas palavras derivadas do latim mantêm essa relação entre o que é guardado e o coração, como “aprender de cor” (learn by heart), onde a palavra “cor” vem de *cordis* (do latim, coração). Outras palavras como acordo ou acordar (unir os corações), coragem (ação do coração), misericórdia (compaixão do coração) e recordação (trazer de novo ao coração) também carregam o mesmo sentido.

A palavra recordação, em específico, é profundamente significativa. Recordar é trazer para o coração algo que ele já perdeu. Observe-se que a palavra que Siddharta Gautama, o Buda, utilizava para referir-se à meditação era *sati*, que em páli significa, essencialmente, recordar. Segundo Rhys Davids, principal autoridade em páli do século XIX e responsável pelas traduções dos textos do idioma original do Buda para o inglês:

Etimologicamente, sati é memória. Mas da mesma forma como ocorreu no surgimento do budismo com diversas outras expressões de uso comum, uma nova conotação foi atribuída à palavra, uma conotação que deu um novo sentido a ela e tornou a tradução como ‘memória’ inadequada e enganosa. Passou de memória, para recordação, trazer à

mente, estar consciente de, sobre certos fatos específicos.

Para Sócrates, conhecer era, na verdade, recordar algo que a alma já sabia intimamente. Por isso seu método, a maiêutica, consistia em fazer as perguntas que provocassem esse processo de trazer à luz o conhecimento, de dentro para fora.

De igual maneira, o grande místico armênio Gurdjieff, fundador da escola denominada "O Quarto Caminho", ensinava seus estudantes a praticarem a constante recordação de si mesmos como um princípio básico para o despertar da consciência.

Os chineses também definem o coração como a sede do espírito e da consciência humana, responsável pelo bom funcionamento de todo organismo. Ali está *Shen*, o Espírito, o Imperador de nosso universo interior, o representante do Céu dentro do homem e que se mantém em permanente contato com o que vem das alturas do inefável. Nas palavras do escritor e professor de Medicina Tradicional Chinesa Padilla Corral:

Porque o coração (Shen), além de receber essa influência Celeste, recebe o psiquismo dos demais órgãos, além do psiquismo do próprio coração. E toda essa informação, ajudada ou cruzada com essa informação celeste que lhe chega por albergar o Espírito, é armazenada e filtrada pelo coração, e a expande para que se conserve no cérebro.

Essa descrição dada a *Shen* se assemelha muitíssimo com o Daimon socrático...

E além disso, é impressionante o quanto essa descrição corresponde com as descobertas científicas sobre o coração.

Mais do que um simples músculo que bombeia e recebe sangue do organismo, o coração foi descoberto como um complexo sistema que envia e recebe informação, além de produzir um hormônio, denominado peptídeo natriurético atrial, que é responsável por regular a pressão arterial, cujas mínimas alterações são suficientes para rastrear qualquer anormalidade no organismo.

Desde o fim do século XIX já se sabia que o coração mantém um sistema intenso de diálogo com o cérebro, enviando muito mais informação do que recebe de volta. Essas informações têm o objetivo de regular o funcionamento do sistema nervoso autônomo, além de influenciar decisivamente no funcionamento do hipotálamo, tálamo, amígdala e também do córtex superior, determinando tanto a nossa percepção, assim como nossas experiências emocionais e processos ligados ao raciocínio.

Muitas descobertas foram realizadas graças ao empenho de The Institute of HeartMath, na Califórnia. Nos últimos anos, foi possível comprovar que o coração é, na verdade, um órgão sensorial e um centro de informação complexo, que decodifica a informação recebida e a transmite ao cérebro – motivo para ser qualificado como um segundo cérebro - ou terceiro cérebro, pois pesquisas anteriores qualificaram o intestino delgado como um segundo cérebro.

Reconhecemos assim a profundidade e o apurado grau de conhecimento que os antigos chineses tinham, pois não só associam o coração e o intestino delgado como pertencentes a um mesmo meridiano, mas ainda estabelecem quais são os três principais centros de energia e de processamento da

informação: o Tan Tien inferior, dois dedos abaixo do umbigo; o Tan Tien médio, no coração, e o Tan Tien superior, no cérebro.

O coração recebe e decodifica toda a informação que chega de dentro e de fora do corpo, através do seu ritmo de pulsações.

A cada batimento cardíaco, ele emite uma frequência eletromagnética tão intensa que pode ser percebida a muitos metros de distância. O objetivo desse pulso é sincronizar ou harmonizar todas as células que compõem nosso organismo... tornando-as "sensíveis" ao papel que cada parte precisa cumprir, a fim de que atuem como uma só unidade...

Nesse processo, as células respondem a esse chamado e é assim que o sistema imunológico atua sobre as células defeituosas, cancerosas, velhas, ou ainda sobre invasores ou potenciais ameaças, pois nessa sincronização se descobre os pontos de risco do organismo e se envia suas defesas.

Para que isso ocorra, alguns cientistas supõem que o coração é o portador de um código que faz as células "recordarem" seu papel primordial e que vivam segundo esse código de vida... uma espécie de memória energética que diz o que em essência a pessoa é, em estado de saúde e equilíbrio pleno, ou qual o seu papel no cenário da existência.

Supõe-se assim que talvez algumas doenças autoimunes ou degenerativas surjam em decorrência de um processo crônico em que o organismo vai perdendo a sensibilidade para escutar a esse chamado que a traz de volta para o que deve vir a ser...

O mais interessante é que esse pulso eletromagnético atua como uma assinatura única e inconfundível, não só para as células assumirem um estado de coerência com o resto do organismo biológico e psíquico, mas também para fora,

fazendo com que esse pulso possa ser captado por qualquer indivíduo que esteja sensível à leitura realizada pelo seu próprio pulso eletromagnético.

Assim, nosso coração irradia aquilo que somos... mas também irradia aquilo que estamos manifestando, ou aquilo do qual, provisoriamente, estamos cheios... Quando o coração se carrega (por longos períodos e com grande intensidade) de mágoas, ressentimentos, ódios, futilidades, complexos, medos, ansiedade, etc., isso vai alterando nossa frequência original, nos afastando de nossa própria verdade, o que reflete em alterações da frequência eletromagnética que vai em direção às nossas células, tornando-se fonte de enfermidades. Por isso, o tratado mais antigo da Medicina Chinesa, Nei Jing, diz que "Se o coração (shen) está sadio, o corpo não adocece".

O coração, portanto, é a porta de conexão com todas as coisas. Ele possui a chave para a Gnosis dos mistérios e cada vez que reconhece a si mesmo, recorda sua própria verdade; e é assim que pode reconhecer a verdade de todas as coisas...

O coração, como imperador absoluto de nosso mundo biológico e psíquico, coordena o processo de todos os demais espíritos ou inteligências viventes em cada um dos órgãos. E cada órgão possui a sua própria frequência, bem como as suas próprias experiências, as quais absorve da vida e redistribui em forma de emoções específicas para a psique. Essa complexidade é que constrói nossa vida interior em sua riqueza e singularidade.

Assim, a fim de buscarmos a sabedoria celestial e as verdades cósmicas, necessitamos descer às cavernas profundas, viscerais, de nossa experiência comum e ordinária da vida, pois ali, incessantemente, são travadas as batalhas entre o que somos e

o que estamos nos tornando pelos desvios do nosso chamado. O resultado dessa batalha é o nível e a forma em que somos capazes de acessar a vida e os mistérios.

Em síntese, todo aquele que busca a sabedoria deve primeiro aprender a ouvir a si mesmo e recuperar a intimidade com a sua sabedoria visceral, que se expressa desde suas entranhas... O corpo, com seus instintos, nada mais é do que uma seção inferior da alma com suas intuições e essas são duas formas muito parecidas de acessar os códigos da vida e suas verdades, sempre que o corpo e a psique estejam sadios. Do contrário, os instintos degeneram-se e se afastam da sua condição natural, bem como a intuição pode se mesclar com uma série de emoções negativas e tornar-se imperceptível ao coração, por estar distante de seu próprio espaço sagrado de liberdade, que lhe permite acolher a esse tipo de informação sutil.

Os cabalistas dizem que Malchut, o corpo físico, é tão sagrado quanto Kether, o Pai que está em segredo, pois no fundo todos sephirotos são distribuições de uma só emanção, que é a nossa própria verdade. Infelizmente, é comum nos esquecermos disso e considerarmos o corpo, em certo aspecto, nosso próprio adversário na busca pela sabedoria...

CAPÍTULO 8

Os mistérios

Existem apenas duas maneiras de ver a vida: Uma é pensar que não existem milagres e a outra é que tudo é um milagre.

Albert Einstein

Apesar da dificuldade em definir o que é exatamente a Gnosis e da dificuldade ainda maior em sistematizar uma pedagogia que facilite acessar esse estado interior, sempre existiram pessoas e grupos dispostos a ensinar aos demais como trilhar essa jornada.

O encontro da pessoa com a sua própria Gnosis mediante a experiência direta era chamado de iniciação nos "mistérios", e as escolas que ensinam esse caminho são as Escolas de Mistérios, ou Escolas Iniciáticas, porque auxiliam o acesso ou a entrada nos mistérios da natureza mais profunda, interior.

No entanto, o pertencimento a uma escola dessa natureza não garante o contato com sua própria Gnosis; pois todos os ensinamentos e leituras que se faz sobre Gnosis não são Gnosis; são apenas um dedo indicando uma direção, que pode despertar um estado de reconhecimento intuitivo dessa verdade... mas isso é sempre um fenômeno interior.

Existem duas classes de mistérios. Existem coisas que são chamadas de mistérios porque ainda não se tem uma resposta satisfatória para elas. Essa categoria de mistérios é provisória, pois um dia alguém descobre e conta a todas as pessoas a solução para o problema... então o mistério se desfaz.

Isso vale para toda classe de coisas que podem ser descritas, ou que atingem sua finalidade com uma simples explicação. Por exemplo, um crime que ninguém testemunhou: permanece como um mistério até que se descubra quem foram os responsáveis.

Outro exemplo pode se referir a uma técnica ou um método desconhecido. Por exemplo, cientificamente não se sabe ao certo como as pirâmides do Egito foram construídas. Mas isso é

um mistério apenas provisório, pois algum dia um cientista pode conseguir provar que a sua teoria está correta... então isso deixaria de ser um mistério.

Se uma coisa pode ser entendida a partir de uma explicação ou demonstração, é sinal de que não é, de fato, um mistério; apenas encontra-se provisoriamente sem uma solução satisfatória.

Uma outra classe de mistério diz respeito a tudo aquilo que não é possível compreender o seu profundo significado sem que se vivencie diretamente. E por mais que o ouvinte tenha plena convicção de que está compreendendo, tudo que ele tem não passa de uma vaga noção, que é drasticamente diferente do entendimento profundo e concreto daquilo.

Encontramos essa classe de mistérios nas coisas mais simples da vida, como o sabor de uma fruta desconhecida, assim como em todas experiências que transformam profundamente nossa percepção sobre nós mesmos.

Não é possível entender através de uma explicação o que é de verdade o amor, até estarmos profundamente envolvidos por uma outra pessoa... E assim são todas as experiências da vida que funcionam como verdadeiros ritos de passagem, que nos envolvem em estados de consciência até então desconhecidos.

Em todas essas experiências, boas ou ruins, reside o mistério, e residirá sempre, pois só poderá compreender aquele que tiver a sua própria vivência.

Toda experiência dessa natureza é profundamente espiritual e carrega em si o poder de nos colocar em contato com energias sutis, arquetípicas, que até então desconhecíamos.

Experiências como o primeiro beijo, o contato com o corpo de outra pessoa, a superação de um grande obstáculo, a saída da casa dos pais, a descoberta vocacional, o casamento, a experiência da maternidade ou paternidade, assim como eventos insólitos e únicos, incluindo catástrofes vivenciadas, situações milagrosas, ou a experiência de morte de alguém muito próximo (ou encontrar a sua própria morte), todos esses eventos são de natureza absolutamente singular e nos colocam em contato com essa dimensão misteriosa e nova de nós mesmos.

Nesses momentos, nossa percepção se abre para intuir e perceber a magia presente, pois nossa mente não possui um referencial que permita descrever o que está acontecendo...

Porém essa mesma sensação de encontro com nosso universo interior (que nos brinda com seus sabores e matizes exóticos) está sempre disponível e não apenas nesses eventos insólitos, contanto que a pessoa esteja completamente presente e receptiva ao que o momento lhe oferece, que sempre é uma combinação única de estados e eventos, mas que se perdem no exato instante em que nos pomos a comparar com alguma experiência já vivida...

O mais comum é que o que estamos vivenciando – que sempre é algo único e inefável - seja transformado em conceito e simplificado, ao ser comparado com alguma outra coisa que já estava na mente...

E é assim que a vida se torna insuportavelmente entediante e monótona, pois não vivemos novas situações, apenas repetimos os padrões que já foram instalados em nosso processador mental.

Nosso intelecto opera sempre através da comparação de uma coisa com a outra e por isso ele é escravo do tempo e das memórias construídas.

Usar a mente conceitual para viver o presente é como estar preso em uma gaiola no topo de uma montanha: nossa possibilidade de aproveitar é sempre muito limitada, não importando a grandeza do cenário diante de nós.

Essa mente que rotula, que descreve, que transforma em linguagem tudo que entra em contato e narra para si mesma, o tempo todo, o que está assistindo, pode ser útil para algumas situações da vida... mas é o que mais nos afasta da condição de sentir e intuir o que se apresenta a cada instante. Em outras palavras, é inimiga da Gnosis.

Sempre que nossa mente conceitual começa a narrar ou descrever, se perde o essencial. A experiência então se simplifica e pode ser transmitida através da linguagem. Mas essa transmissão é, em comparação com o que foi vivido, como uma simples folha impressa diante de uma paisagem viva, que pulsa, que tem cores, sons, cheiros, textura e temperatura.

Se aprendêssemos a utilizar o intelecto como uma simples ferramenta auxiliar de processamento e armazenamento ao invés de utilizarmos como o principal instrumento para entender os fenômenos da vida cotidiana, nosso coração assumiria o espaço que lhe é de direito, para perceber, capturar e interpretar, a partir de um processo intuitivo, a grandeza presente em cada pequena coisa...

Então nossa vida teria mais vida dentro dela e os mistérios se apresentariam com a mesma regularidade que as abelhas

visitam as flores... E seríamos novamente como crianças soltas
em um parque...

Formas e princípios

De início, as montanhas eram apenas montanhas e os rios eram apenas rios.

Então eu conheci o zen, e as montanhas deixaram de ser montanhas e os rios deixaram de ser rios.

Mas um dia, eu compreendi o zen. Então as montanhas voltaram a ser montanhas e os rios voltaram a ser rios.

Ditado popular da tradição Zen

Obviamente a Gnosis tem sido o objetivo fundamental de diversas tradições e culturas esotéricas da antiguidade, assumindo diferentes nomes e expressões. Porém, como pôde estar presente em todas as latitudes, em todas as épocas, se os povos tinham culturas tão diferentes?

Isso acontece porque Gnosis é um princípio natural que todo ser humano possui dentro de si. E, mais que isso: é o funcionalismo natural da essência ou consciência. Nossa natureza primordial, quando se expressa, se faz como processo intuitivo ou inspirado... ou seja, Gnosis.

Cada sábio que veio ao mundo ensinou o que aprendeu dentro de si mesmo. Todos beberam dessa mesma fonte, acessaram sua própria verdade e a partir disso, encontraram a sabedoria universal, onde estão contidos todos os princípios que regem a natureza, o universo e o homem. Porém, para transmitir ao mundo, cada sábio, homem ou mulher, teve que ser capaz de revestir esses princípios eternos com uma forma inteligível, acessível aos seres humanos, uma forma que dialogasse com a cultura daquele tempo e daquele lugar onde teve expressão física.

Assim, a forma com a qual se reveste a Gnosis muda de acordo com cada época e com o povo a ser instruído; porém os princípios que se ocultam por trás das formas permaneceram sempre os mesmos.

É importante fazer a diferenciação entre os princípios e as formas, para não cair no erro de acreditar que as diferentes tradições espirituais do mundo apresentam ideias opostas entre si.

Por exemplo, o tema do monoteísmo e do politeísmo: as religiões do mundo que dizem só haver um Deus Todo-Poderoso (monoteísmo) colocam abaixo deste Deus único uma série de hierarquias celestes, como anjos, arcanjos, potestades, tronos, querubins, etc. e mais abaixo destes os santos, mártires e profetas.

As religiões que declaram a existência de vários Deuses (politeísmo) também estabelecem uma ordem hierárquica, havendo sempre um Deus Todo-Poderoso assessorado por inúmeras outras divindades (igual aos anjos, arcanjos, etc.) e mais abaixo os heróis, sábios e semi-deuses. Mudam os nomes, os termos, mas em essência todos falam de uma mesma coisa.

Quando os princípios eternos que se ocultavam por trás de uma forma se perdem e uma religião ou escola de mistérios não é mais capaz de produzir mestres de sabedoria, então a Providência Divina prepara um novo mensageiro, que vem ao mundo com a incumbência de ensinar novamente o caminho para chegar à Gnosis.

No Bhagavad-Gita, o Senhor Krishna declara:

Sempre e onde quer que haja um declínio na prática religiosa, ó descendente de Bharata, e uma ascensão predominante da irreligião – aí então Eu próprio descendo.

Assim, o instrutor da humanidade que for designado para descer ao mundo (seja chamado de mestre, salvador, profeta, sábio, mensageiro ou avatara) se reveste dos princípios cósmicos do Redentor do Mundo, convertendo-se em uma emanção da própria Verdade, para cumprir o papel de trazer a mesma mensagem eterna, revestida com uma nova forma, uma

nova roupagem, pois a antiga já petrificou em rígidas normas que afastam ainda mais aos peregrinos em busca de sua própria verdade.

Este novo mensageiro terá de entregar uma mensagem que atinja cada pessoa em seu nível de consciência e estimule a buscar níveis mais elevados. E por isso, a fim de preparar cada um dentro do nível em que se encontra, esses mensageiros ou mestres entregam o conhecimento em dois níveis:

a) nível público – neste nível se passa um conhecimento amplo, porém superficial, introdutório, que tem por finalidade resgatar das multidões um grupo seletivo de pessoas para iniciá-las nos mistérios mais profundos. Apesar de introdutório ou básico, estes preceitos vão realizando transformações importantíssimas na vida daqueles que escutam esses ensinamentos, e é a partir deles que se estabelecem as regras de convívio social e as leis em geral;

b) nível secreto – neste nível se recebe o conhecimento mais profundo, que tem por objetivo conduzir aquele estudante mais comprometido em direção à sua própria experiência, da sua verdade, e a realizar essa verdade dentro de si. A instrução nesse nível incita a pessoa a fazer um trabalho mais ordenado e sério sobre si, aprendendo a olhar para o seu mundo interior e descobrir ali a potência de seu Ser.

Pelo nível de exigência desse desafio, esse é um caminho restrito a pouquíssimas pessoas, pois são muito poucos os que possuem maturidade para perceber que todo caminho, na verdade, é uma jornada interior. Samael Aun Weor, referindo-se a esse assunto, diz que “a Gnosis é, fora de toda e qualquer questão, o conhecimento iluminado dos Mistérios Divinos reservados a uns poucos, a uma elite”.

Essa elite, no entanto, não é uma elite política, social, cultural ou econômica, mas sim um grupo de pessoas que possui a sensibilidade e a disposição para escutar ao chamado da sua natureza mais profunda.

Em linhas gerais poderíamos dizer que tais escolas e tradições iniciáticas possuem um conjunto de princípios muito semelhantes para descrever a urgência dessa jornada interior. Se traçássemos uma linha comparativa entre as diferentes escolas de mistérios, encontraríamos pontos comuns, como:

1. Nossa verdadeira natureza e sua origem

Somos uma centelha divina (uma alma, essência ou consciência) que descende de regiões inefáveis do universo para habitar um organismo humano. Essa descida, apesar de dolorosa, é absolutamente necessária, porque nos faz adquirir a experiência para nos reconhecermos e aperfeiçoarmos.

Enquanto morava nas regiões mais inefáveis do universo, essa essência não possuía consciência de sua própria natureza, pois não conhecia nada além do inefável... E por isso nem sequer o inefável conhecia, pois são os contrastes que nos permitem distinguir e escolher...

Por isso, o processo de descenso à matéria é necessário para que se abra a possibilidade de sair do estado de inocência e potencializar o ritmo de sua própria particularidade.

2. A condição da existência

Não viemos ao mundo para desfrutarmos, como se estivéssemos em uma colônia de férias. Como é possível que essa essência saia das regiões mais inefáveis do universo para vir habitar um lugar cheio de dor e sofrimento, se não fosse justamente para realizar algum tipo de trabalho?

As diferentes experiências da vida (a oscilação entre dor e alegria, triunfos e fracassos, saúde e doença, etc.) servem para nos fazer despertar para a condição de impermanência da existência, fazendo-nos buscar transcender nossa condição; a morte, por exemplo, nos desperta para a realidade que tudo que conquistarmos aqui não permanecerá conosco, senão que foi apenas “emprestado” por algum tempo.

3. A queda

Ao chegar ao mundo material, essa essência se esquece de sua natureza espiritual e se identifica com a sua condição biológica. Em seguida, a sua inocência ou ignorância a faz aprisionar-se em inúmeras visões distorcidas, gerando uma segunda natureza, grotesca e egoísta, que apenas busca a sua satisfação pessoal, sufocando o impulso da essência que quer retornar ao seu lugar de origem.

Didaticamente, apresenta-se esse processo como uma espécie de desvio da nossa trajetória, porém essa queda era absolutamente prevista e até necessária, pois a luz necessita das trevas para adquirir maior estabilidade.

Essa natureza inferior que geramos como resultado de uma visão distorcida de nós mesmos e do mundo é, em realidade, a matriz que gesta cada parte de nossa alma para que, o dia em que estiver pronta, possa irromper como consciência. A luz nasce das trevas, do abismo... e quanto mais densa ela for, maior será a luz resultante desse embate.

É do mergulho profundo nos abismos da ira que nasce a lucidez sobre a importância de estar em paz; é dos resultados desastrosos da arrogância que surge a humildade; é da compreensão da própria ignorância que nasce seu antídoto: a Gnosis. A consciência resultante desse tipo de experiência possui sapiência para não se permitir retornar à prisão na qual esteve submetida.

4. Somos partes de um todo

Na medida em que nossa natureza interior vai reconhecendo a si mesma, desperta dentro dela um profundo reconhecimento de que toda a criação pertence a uma inteligência maior, da qual fazemos parte e que estamos apenas provisoriamente separados.

Desperta então, na essência, a chama do amor, da compaixão, e o ímpeto de contribuir para que toda a criação desperte sua própria natureza mais profunda.

O amor é o fruto do processo de reconhecimento de si mesmo; é a percepção de que não estamos isolados dos demais e que, de alguma forma, não é possível liberar-se sozinho.

Na medida em que esse amor se torna mais intenso, vamos perdendo a identificação com as nossas necessidades egoístas

e nos conectamos de forma genuína com as demais criaturas, compreendendo a experiência de sofrimento e fragilidade que aprisiona todos em uma mesma cadeia de amargura e dor; e isso desperta em nossa natureza um desejo profundo de que todos os seres encontrem as causas de seu sofrimento e transcendam isso, para que sejam felizes e plenos.

Amar aos demais como a si mesmo é o reconhecimento de que somos partes de algo muito maior, que somos um só e isso também é um forte elemento para transcender o egoísmo, principal característica dessa natureza inferior que desenvolvemos na descida à matéria.

5. A necessidade da condição humana para o retorno ao nosso ponto de origem

Em nossa estrutura biológica residem, simultaneamente, os grilhões da prisão e as chaves para a liberdade, pois em nossa parte biológica está todo o instinto que nos mantém cativos; e ainda a razão, a mente conceitual, que nos mantém cegos.

No entanto, aqui está também a semente da liberdade. Na energia que circula em nosso organismo está a potência de nosso Ser, de forma latente, como um poderoso recurso que fortalecerá tudo aquilo que vamos nos tornando ao longo dessa trajetória.

É do manejo inteligente dessa energia que frutificará todo esforço realizado em qualquer direção. Aplicado ao caminho interior, nossas energias produzem a ponte que favorece a transição da condição animal para a condição divina, regressando assim a nosso lugar de origem; não mais na

condição que se tinha antes da descida, mas em um nível superior, como portador do tesouro obtido por toda essa experiência e das ferramentas forjadas para superar os obstáculos encontrados.

Desses cinco elementos acima descritos, presentes nas tradições iniciáticas, podemos deduzir que o ponto de transição que diferencia um iniciado nos mistérios de uma pessoa comum é o sentido que dá a sua existência e à espiritualidade. O iniciado vive a experiência da vida em função de sua jornada interior; cada detalhe da sua vida cotidiana é um aspecto que o liga de alguma forma ao propósito último de sua existência.

Por fim, a partir desses cinco aspectos também é possível deduzir que a maneira mais óbvia e manifesta do grau de avanço na prática espiritual é o quanto a pessoa abandona sua autoimportância e a necessidade de reconhecimento e validação por parte das outras pessoas e vive, apesar disso, em serviço às demais. É o nível de amor e renúncia às recompensas do mundo que mostra a clareza que o iniciado tem em relação a que não é possível existir liberdade e felicidade autêntica sem que toda a expressão da vida alcance a mesma liberdade e felicidade. Por isso ele luta incansavelmente para que todos os seres sejam felizes e estejam em paz...

As antigas tradições iniciáticas

E acercando-se de Jesus os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Ele, respondendo, disse-lhes: Por que a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; porque àquele que tem, se dará, e terá em abundância; mas aquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo em parábolas, porque eles, vendo, não veem; e ouvindo, não ouvem nem compreendem.

Evangelho de Mateus

Toda escola de mistérios opera desenvolvendo dois níveis de aprendizagem, o público e o secreto. E com o passar do tempo, o mais comum é que essa divisão resulte em uma fragmentação em duas ou mais tradições, até que a escola que guarda os ensinamentos sobre o caminho secreto desapareça e seja substituída por uma nova forma religiosa.

O que faz uma escola de mistérios sustentar essa condição é a presença de pessoas que já realizaram sua própria Gnosis e servem de luzeiro para os demais. São eles a ponte de conexão entre as pessoas que buscam e as energias sutis que podem proporcionar esse encontro com os mistérios.

As tradições iniciáticas só recebem este nome por possuírem pessoas em avançado processo de realização desses mistérios; estes são os guias que já percorreram um caminho e podem favorecer uma travessia mais segura em direção ao lugar de destino.

Se observarmos todas as escolas iniciáticas do passado e do presente, todas têm como consenso que é necessário, a fim de percorrer o caminho interior, ter um professor ou mestre qualificado, que já percorreu esse mesmo caminho e por isso pode orientar a travessia.

Obviamente, pelo estudo individual, sem um grupo, também é possível avançar até um ponto, porém é uma jornada de tentativa e erro muito mais penosa e a história das tradições iniciáticas nos mostra que dá para contar nos dedos de uma única mão as pessoas que conseguiram avançar a longas distâncias sem esse auxílio, e sobriam dedos...

Essa condução, no entanto, tem relação em parte com o nível de instrução que se dá e em parte com o tipo de energia sutil

que se expressa através destes mestres e que favorece o encontro com a Gnosis no processo íntimo dos estudantes. Se não fosse assim, não haveria necessidade de tradições iniciáticas; as pessoas poderiam estudar os livros no conforto de suas casas, pois a instrução dos mistérios está toda escrita em milhares de livros...

Ingressar em uma escola de mistérios é como tomar parte em uma longa corrente, cujos elos que nos antecedem são formados por todas as pessoas que sustentaram a conexão com esses mistérios, em um processo vivo e dinâmico; ou seja, as tradições iniciáticas têm muito mais a oferecer do que simplesmente um conjunto de ensinamento, regras e costumes – elas são dotadas de corpo, alma e espírito.

O corpo é formado pela doutrina e pelos frutos da escola através do tempo: livros, ensinamentos, templos, e principalmente o povo que lhe dá existência no mundo físico.

A alma de uma escola de mistérios está constituída pelo seu componente mais dinâmico, que é exatamente esse elo que liga a congregação de buscadores com o espírito ou propósito último dessa escola. Ou seja, uma escola iniciática possui alma sempre que possui guias espirituais encarnados, autênticos mestres de sabedoria vivos, dirigindo os rumos da escola.

Se uma escola, no entanto, já não tem guias espirituais encarnados, então o corpo vai, pouco a pouco, por uma questão lógica, entrando em decomposição e isso explica porque razão depois de um tempo toda escola termina perdendo seus princípios.

O espírito de uma tradição é seu propósito, que apesar de ter sua natureza e elementos específicos, pode resumir-se em

levar seus membros em direção à encarnação de sua própria verdade, de sua Gnosis, de seu Ser.

Assim, cada escola iniciática, cujos mistérios ainda se fazem presentes e vivos, possui uma linhagem espiritual ininterrupta que nos conecta com um tipo de energia ou egrégora específica, a qual favorece a percepção de nossa própria verdade e nos fortalece nessa trajetória.

Cada pessoa que ingressa se beneficia de ser o elo de uma corrente que se estende desde os primórdios daquela escola... em nosso caso, as origens do gnosticismo contemporâneo nos remetem às origens do cristianismo primitivo, como um regate do aspecto vivo desta tradição.

No entanto, o fato da escola gnóstica pertencer a um tipo de movimento síntese de nossos tempos, permite que em sua constituição se façam presentes iniciados que desde épocas remotas vem percorrendo esse caminho nas mais antigas tradições iniciáticas.

Encontramos, portanto, nesta tradição, iniciados que em outras épocas pertenceram às escolas de mistérios da antiga Grécia, do antigo Egito, da Caldéia, da tradição dos druidas, das escolas de mistérios maias e povos da América Pré-Colombiana, bem como das tradições do oriente: Tibet, China, Índia, etc.

Isso dá à Gnosis contemporânea uma diversidade extremamente enriquecedora, que permite o crescimento de todos que a esse movimento se somam...

Ao ingressar como um elo de uma corrente, nos integramos com as energias sutis que fortalecem esse chamado que ecoa do passado em direção ao futuro...

Assim é como a tradição gnóstica nos auxilia a encontrar não somente aquilo que somos em essência, mas também nos ajuda nesse processo a reencontrar toda a sabedoria que temos adquirido ao longo de incontáveis existências e vivências dentro das escolas às quais pertencemos em outros tempos.

A Gnosis e a Era de Aquário

A ditadura perfeita terá as aparências da democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão com a fuga.

Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão.

Aldous Huxley

A fim de compreender um movimento ou escola é necessário estudar o contexto histórico e cultural em que ela se apresenta no mundo; através das diferentes épocas, as tradições iniciáticas apresentam características singulares, de acordo com a necessidade do tempo e as condições mais ou menos favoráveis de expressar publicamente esses ensinamentos.

A Gnosis, em si, é um fenômeno transcultural, que desconhece fronteiras e latitudes, uma vez que é um processo inerente à própria natureza de nossa psique e que emerge de dentro para fora, expressando-se através da necessidade de compreender a si mesmo, o que naturalmente produz impacto em seu entorno, gerando movimentos na cultura, seja através da filosofia, da arte, da ciência ou da espiritualidade.

Apesar da sua atemporalidade, a Gnosis de cada época se adapta sempre ao momento histórico em que se apresenta, e sua sistemática segue o fluxo da cultura vigente, a fim de dialogar com a forma peculiar como se expressam as inquietudes de um pequeno grupo de pessoas que dela se aproximam.

Sua essência, no entanto, permanece inalterável, uma vez que as mudanças culturais são apenas roupagens que o espírito humano constrói em sua peregrinação em busca de si mesmo; o que somos e o caminho para acessar nossa verdade permanece exatamente igual, porque nossa natureza essencial não se altera com o passar dos séculos.

O momento histórico que estamos vivendo nos oferece um conjunto de características culturais muito peculiares e vamos analisar de que forma elas influenciam na forma como a Gnosis, nesse momento, se expressa.

Muitas características do fenômeno cultural que estamos vivenciando neste início do século XXI devem-se ao desdobramento de processos que se iniciaram há muitas décadas.

A primeira e mais notável singularidade desse momento é o fenômeno da globalização. O avanço das tecnologias de comunicação produziu uma explosão de informação muito interessante, aproximando culturas e pessoas.

Há alguns séculos atrás era completamente impossível que duas pessoas pudessem, estando em cantos opostos do planeta, conversar em tempo real (produzindo rupturas da forma como percebemos o tempo, uma vez que nessa simultaneidade as pessoas podem estar em fuso-horários distintos, tornando possível que em um desses locais ainda seja dia, enquanto no outro ainda é noite).

Mudando nossa perspectiva para contemplar esse fenômeno em estado de abertura e assombro, podemos dizer que as tecnologias da comunicação produziram, em um sentido, a aparente ruptura da relação entre espaço-tempo, onde é possível em tempo real assistir a uma conferência ou presenciar um acontecimento, não importando onde ele esteja acontecendo.

Com a globalização descobrimos as diferenças culturais e a diversidade de estilos de vida existentes no mundo e dessa maneira nos damos conta que não estamos presos à forma convencional de fazer cada coisa (relacionada à cultura dominante de cada lugar).

O “único-jeito-correto” cedeu espaço para as culturas tribais, onde as pessoas, independentemente de onde vivem, se

associam a outras que, em qualquer canto do mundo, compartilham dos mesmos anseios, gostos e estilo de vida.

Ao mesmo tempo, esse multiculturalismo tem servido para nos ensinar que é possível tolerar e coexistir com as diferenças. Obviamente, após milhares de anos de hegemonia das “monoculturas” locais, e de intolerância e discriminação com tudo aquilo que é diferente, ainda podemos notar que a tolerância é bastante incipiente e frágil, porém lentamente ela avança na remodelação de valores sociais e culturais que nos são altamente favoráveis, uma vez que a busca pelo caminho iniciático nunca foi vista com bons olhos no passado...

A globalização faz a pesquisa e inovação científica e tecnológica propagar-se em uma velocidade espantosa, fazendo com que as certezas e paradigmas vigentes sejam encarados apenas como verdades provisórias e não mais como certezas absolutas e irrefutáveis.

É o fim da era das certezas, que durou milhares de anos, começando com os dogmas da fé medieval, que depois foram substituídos pelos dogmas da ciência nos séculos seguintes e que ainda atraem, ambas, multidões de devotos fiéis.

A comprovação científica, hoje também se reconhece, ainda que em meios culturalmente mais selecionados, como verdade provisória e condicionada à intencionalidade dos grupos de pesquisa, uma vez que o pesquisador possui sua própria visão de mundo, sistema de crenças e valores que o condicionam a uma determinada direção. Ao mesmo tempo, quem financia as pesquisas não está isento, muito pelo contrário: as grandes empresas investem pesado para produzir evidências que lhes sejam favoráveis do ponto de vista econômico.

Assim, a diversidade e o espaço para divergência em todos os campos se naturaliza e ao invés de se enfatizar o consenso ou “verdade científica” (aquilo que as pessoas utilizam para provar seu ponto de vista quando dizem que algo é “comprovado cientificamente”), hoje se fala mais sobre as correntes científicas, que defendem posições muitas vezes opostas, onde cada corrente prova sua posição, seguindo os métodos e critérios propostos em sua pesquisa.

Esse terreno fértil para a diversidade é altamente favorável para que surjam os espaços destinados àqueles que sentem em seu interior um chamado profundo em busca de si mesmos, bem como que tais pessoas “encontrem os seus”, ou seja, aqueles que compartilham desse mesmo anseio.

No entanto, a globalização também oferece desafios nunca antes vividos.

A velocidade da informação criou um novo ritmo de vida: a fim de estarmos atualizados com tudo que acontece, sacrificamos nosso sistema nervoso, vivendo em um ritmo alucinante e insustentável para nossa constituição biológica.

Junto a isso, a velocidade se tornou característica social, que se manifesta na maneira como nos relacionamos no mundo. As amizades e os romances se constroem e se desfazem com um clique do mouse e é muito mais simples buscar uma outra pessoa quando as primeiras dificuldades de relacionamento aparecem, ao invés de permanecer no desconforto do conflito e aprender a lidar com as diferenças. O problema disso é que os relacionamentos se tornam superficiais e não favorecem nem a intimidade nem o autoconhecimento.

A máxima excitação do sistema nervoso potencializou a nossa impaciência para não querer nada que tenha que construir ao longo do tempo, afastando-nos de tudo que precisa ser cultivado com dedicação e cuidado.

Esse estilo de vida favorece a comida *fast-food* ao invés da integral, assim como aumentar a rede de contatos ao invés de aprofundar no relacionamento com alguém, ver um filme ao invés de ler um livro, fazer uma cirurgia plástica ao invés de exercícios físicos, tomar pílulas para dormir ao invés de meditar, e assim por diante.

O sistema nervoso também é bombardeado com excesso de exposição à luz, a informações, a gente querendo vender tudo que é tipo de coisas, ruídos, ansiedade, contas e mais contas para pagar por esse estilo de vida, superpopulação nos grandes centros, que torna tudo mais distante e demorado, engarrafamentos, etc.

Estima-se que em um único exemplar de jornal dominical de grande circulação, como o New York Times ou a Folha de São Paulo, exista a mesma quantidade de informação que um camponês medieval absorvia ao longo de toda a sua existência.

Todo esse fenômeno deve-se, em grande parte, à descoberta e utilização do petróleo como principal matriz energética do planeta, gerando uma tamanha abundância na extração e fabricação de bens de consumo e produção de alimentos, que incidiu na explosão tecnológica que deu origem à globalização, com todos os desdobramentos que aqui estamos, em linhas gerais, enumerando.

A mudança do sistema de manufatura para o sistema industrial produziu muito acima das necessidades da

população, e por isso foi preciso construir uma cultura de consumo que favorecesse a circulação de tudo que se produzia.

Nosso sistema nervoso sofre também a sobrecarga do consumismo, que nos mantém em um círculo vicioso de aquisição de mais recursos financeiros para pagar as demandas sociais de possuir bens mais modernos e atuais.

Os produtos são feitos com a finalidade de serem praticamente descartáveis, pois o mercado precisa seguir escoando a produção e mantendo a máquina girando. E mesmo que algum bem dure mais do que foi programado para durar, a mudança de tendência ou moda faz o design desses objetos tornarem-se obsoletos, o que impacta na identidade social dos indivíduos, levando-os de volta ao ciclo de produção e consumo.

Estamos, nessa análise, falando apenas do ponto de vista da cultura, sem mencionar os impactos que esse estilo de vida traz sobre o planeta, que não consegue renovar seus recursos na mesma velocidade com que eles são extraídos.

Com cada habitante do planeta inserido nessa máquina de produção a fim de adquirir os seus próprios bens de consumo, a produção do lixo e a poluição resultante da fabricação e consumo se tornou mais um problema sem solução.

Todos os subprodutos do modo como vivemos neste início de século, como o aumento das desigualdades sociais e a concentração de poder dos grandes impérios, que governam sobre todos os governos do mundo; as guerras, tão necessárias para a venda da produção de armamentos e para que as grandes nações se apropriem das riquezas naturais de outros povos; os transgênicos, produzidos para aumentar as safras mas

também para aumentar o controle sobre a principal necessidade humana que é a autonomia alimentar; empresas que produzem tais sementes, que são as mesmas multinacionais que financiam as guerras e a produção de armas químicas que já dizimaram populações inteiras... Bem como as alterações climáticas resultantes da poluição, além do fato de nossa matriz energética ter apenas uma mínima parte de recursos renováveis... nada disso estamos considerando nessa breve análise de cenário.

A abundância de recursos e a maneira desigual como eles são distribuídos gera problemas curiosos, como populações que sofrem de obesidade, pressão arterial e diabetes, enquanto outras populações morrem de fome. Estima-se que 80% de tudo que é produzido e plantado no planeta é consumido por 20% da população, concentrada principalmente no hemisfério norte; os 20% que sobram são distribuídos para os 80% restante da humanidade.

Ter mais, mais rápido e com o mínimo de esforço, pois o mundo oferece muitas coisas para desfrutar: talvez essa seja a frase que sintetize o pensamento vigente em nossa cultura, neste momento.

Historicamente, nossa cultura é produzida por uma série de fatores, alguns deles aqui enumerados. Mas esotericamente entende-se que o presente momento é resultado de uma mudança na regência planetária, relacionada à constelação de Aquário.

Cada era dura um pouco mais de 2.000 anos. A idade anterior, chamada de Era de Peixes, produziu um movimento na direção do misticismo e do dogmatismo.

A atual era possui outras características, regidas pelo elemento ar, que impregna o cenário atual com o dinamismo e as rápidas transformações que temos visto.

A regência de Urano em Aquário dá também ao presente cenário um caráter de inconformidade, que em seu aspecto negativo se volta para fora e gera as tendências que alimentam o consumismo, buscando em tudo que se compra uma forma de encontrar sua identidade. Em seu aspecto transcendente, esse impulso de Urano desenvolve a chama da inquietude espiritual, que favorece a caminhada em direção à sua própria verdade.

Além disso, Urano rege a criatividade, a multiplicidade de ideias e a necessidade de trazê-las ao mundo, fenômeno que se evidencia na diversidade cultural que estamos testemunhando.

O elemento ar do signo de Aquário dá dinamismo e impulsiona essa ânsia por novidade, que se polariza de forma negativa como superficialidade e no ritmo frenético que se tornou um estilo de vida predominante.

Em seu aspecto transcendente, no entanto, esse dinamismo faz as pessoas buscarem aquilo que dá sentido à sua existência, favorecendo o espírito revolucionário e inquieto que sempre influenciou as grandes almas em sua peregrinação no mundo.

A Era de Aquário, que se iniciou no dia 4 de fevereiro de 1962, vem construindo lentamente um sistema social de valores que confronta o antigo sistema baseado em patriarcados, poder e riquezas.

Neste novo paradigma, que vai lentamente suprimindo os velhos sistemas da Era de Peixes, a cooperação vai surgindo em

meio à competitividade, da mesma forma que a vida irrompe por entre as frestas dos muros de concreto...

Novas formas de convivência e de promoção de justiça social vão se constituindo, como a economia solidária, a comunicação não-violenta, a justiça restaurativa... sistemas baseados em uma cultura matrística, em oposição aos velhos sistemas patriarcais de poder.

Estamos, pouco a pouco, descobrindo que para uma pessoa ganhar, não é necessário que ninguém perca... E que o mundo é abundante e espaçoso o suficiente para permitir que cada um exista segundo os seus próprios critérios de existir, sempre que a sua maneira não prejudique o mesmo direito dos demais. Tudo isso são valores que, graças a influência da Era de Aquário, estão emergindo em meio às ruínas dos velhos sistemas...

A Gnosis é um princípio constituinte não apenas das dinâmicas relacionadas ao despertar da consciência, mas também das transformações do cenário e do contexto histórico necessários para que a florescência da cultura do despertar possa acontecer.

Os mensageiros ou arautos desse conhecimento também atuam no campo social, preparando o terreno para que a semente que trazem possam germinar.

Os diferentes movimentos culturais que a humanidade produziu ao longo de sua história nos fazem notar uma inteligência coletiva que vai, lentamente, se autoconhecendo, por caminhos de tentativa, erro e descoberta...

Assim, é possível estabelecer conexões entre períodos aparentemente desconexos, como os movimentos de expansão de impérios, como os produzidos por Alexandre Magno e Júlio

Cesar e a constituição de uma cultura favorável, naquele momento histórico, à disseminação de determinados princípios e valores que norteariam o desenvolvimento da forma de espiritualidade do ocidente.

Da mesma forma é possível traçar uma linha entre os movimentos de independência das diferentes nações latino-americanas e a florescência das condições favoráveis a que, neste mesmo continente, se constituísse o espírito de liberdade necessário para o surgimento da escola iniciática que desvelaria a síntese do caminho em direção à conquista da liberação interior, profunda.

Por outro lado, a miscigenação de etnias e culturas no novo continente também contribuiu com a constituição de um terreno fértil, propício, à chegada de uma cultura espiritual, uma cultura que busca nas religiões e mitologias comparadas a evidência de um caminho de despertar sempre presente na história da humanidade.

É nesse cenário que, a partir da década de 1950, o gnosticismo contemporâneo surge, como um movimento de resgate e síntese das diversas tradições e ensinamentos que ao longo dos últimos milhares de anos foram vertidos no mundo.

Samael Aun Weor começa essa missão em sua terra natal, na Colômbia, missão essa que rapidamente se expandiu por todo o continente latino-americano. Posteriormente fixou a sede desse movimento no México, onde passou a viver.

Sua mensagem, notoriamente em afinidade com a Era que então se avizinhava, entrava em conflito com a cultura conservadora e retrógrada vigente. Razão pela qual se fez necessário evocar um estilo combativo e veemente, a fim de

abrir caminho em meio à densa cortina moral que governava aquele cenário cultural.

Seus ensinamentos ecoaram com tamanha força que foram capazes de produzir uma geração de grandes mestres e iniciados, que encheram o mundo com sua sabedoria e deram continuidade à tradição gnóstica, a qual se ramificou em diversas escolas, à semelhança do que aconteceu com a tradição iniciática cristã dos primeiros séculos de nossa era.

Sem o trabalho desses grandes homens e mulheres, que com sacrifício dedicaram suas vidas à difusão desse ensinamento transformador, a Gnosis teria se apagado em meio aos velhos sistemas do mundo, pois toda a sua expansão se deu sem jamais cobrar um único centavo pelos ensinamentos, exatamente como o próprio Mestre Samael o fez, ao longo de toda a sua vida.

Isso, por si só, já representa uma grande afronta aos velhos sistemas da Era de Peixes, uma vez que, neste mundo, tudo avança ou retrocede segundo a lucratividade que produz.

A árvore se conhece pelos frutos, ensina o Mestre dos Mestres. E os frutos produzidos por Samael Aun Weor deixam claro o seu papel de Avatara e iniciador da Era de Aquário.

Seria tremendamente desgastante e extenso traçar um mapa completo das diferentes escolas gnósticas que surgiram, desde o momento em que se estabeleceram os princípios desse movimento até os dias de hoje.

Apenas nos limitaremos, nesta breve reflexão, a dizer que qualquer escola gnóstica, para merecer o reconhecimento como tal, precisa manter a pureza e a fidelidade aos ensinamentos do Avatara de Aquário, bem como a ênfase no trabalho de

revolução da consciência, com seus três fatores que são: a morte do ego, o nascimento alquímico e o sacrifício pela humanidade.

Seria a maior de todas as contradições que uma escola gnóstica se dispusesse a cumprir o lamentável papel de julgar ou assinalar quais são as escolas corretas e quais são as equivocadas.

Isso indicaria um desvio do propósito fundamental que define um aspirante à sabedoria, que é consagrar-se à busca da sua própria verdade interior, profunda. E para isso, é necessário estar em paz com o mundo e em batalha contra os seus próprios desvios, e não o contrário...

SEGUNDA PARTE

OS QUATRO FUNDAMENTOS DA GNOSIS

CAPÍTULO 12

A Gnosis como Filosofia

Aquilo que tu buscas, também está te buscando.

Rumi

Existem quatro fundamentos para a expressão da Gnosis. A presença desses quatro elementos torna possível a habilidade de acessar quem somos. Esses aspectos são a filosofia, a ciência, a arte e a religião.

Para que o fenômeno sutil do diálogo com o nosso próprio *Daimon* ou Imperador (nosso coração silente) aconteça, precisamos da busca (filosofia), da experimentação (ciência), da transformação interior (arte) e da conexão interior profunda com sua própria verdade (religião).

A filosofia gnóstica, como movimento de integração com o que somos, nada tem que ver com o estudo dos escritos ou da vida dos filósofos, nem tampouco tem como pré-requisito o conhecimento de suas correntes ou tradições.

Certamente, o que os antigos sábios filósofos disseram e escreveram corresponde à Gnosis deles, no entanto, o estudo dos seus ensinamentos não é uma condição fundamental para acessar o nosso próprio código de vida.

Uma pessoa pode jamais ter ouvido falar da filosofia e de seus filósofos e mesmo assim ser um grande filósofo.

Pode ser analfabeta em palavras, mas ter a habilidade de ler o mundo, ler as pessoas, entender os princípios que movimentam as coisas em uma determinada direção.

O princípio de toda Gnosis está em saber escutar e entender o que é dito. Essa habilidade serve para tudo na vida... porém em relação ao ingresso aos mistérios, tem a ver com saber escutar essa inquietação interior, que não lhe deixa quieto, como um menino que anseia que o dia amanheça para sair correndo e brincar na rua... porque ao brincar descobre as habilidades para se fazer homem.

Aquilo que nos agita e desacomoda interiormente, é o que em capítulos anteriores denominamos como o chamado. A filosofia gnóstica é a habilidade de escutar e traduzir esse chamado.

Nele, está o que somos, querendo vir ao mundo. Está nossa potência, querendo se desenvolver. Está nosso código de vida, esperando o momento em que a própria pessoa o leia.

Autorrealização é o termo que utilizamos para descrever esse chamado quando se transforma em plena manifestação, quando se faz carne.

A autorrealização compreende não só atender ao chamado, mas entendê-lo, porque isso significa muito mais do que exercer algo no mundo; significa integrar-se com aquilo que carregamos de inigualável e transformar-nos nesse indivíduo que arquetipicamente busca expressão, e integrando-o na vida cotidiana.

Comparando ao desenvolvimento de alguma criatura, seria fazer não só com que o filhote de águia cresça e alce voo, mas que aprenda a utilizar as suas asas, penas, visão e garras para fazer tudo que as águias podem fazer; e mais: que aprenda a fazer, como águia, o que os outros animais da natureza fazem de outras formas... E ainda mais, pois essa águia também necessita encontrar o que a diferencia das demais, porque todas as águias são distintas umas das outras...

O chamado diz respeito a encontrar quem somos:

- em relação ao que construímos sobre nós mesmos que não somos (no exemplo dado, seria como a águia querendo ciscar como as galinhas) para poder renunciar a isso que nos traz sofrimento;

- em relação ao que uma águia experiente é capaz de encontrar, ao elevar suas habilidades ao máximo (aquilo que só as águias podem fazer); e
- sua singularidade, ou seja, o que a diferencia de todas as demais e a torna completamente única, não como espécie, mas como indivíduo.

Somos levados a acreditar que somos nós que estamos buscando conhecer-nos; mas é o inverso, estamos sendo conduzidos por esse chamado; é o que estamos buscando que nos chama, que se agita em nosso coração e então nos faz buscá-lo.

A filosofia, do ponto de vista gnóstico, é a busca por si mesmo, porque ao encontrar a si, reconhecemos o essencial de todas as coisas. É o ponto de partida para todas as grandes mudanças. É o que nos move em busca de respostas e é ao mesmo tempo, o entendimento (Gnosis) que começa a brotar a partir dessa busca...

CAPÍTULO 13

A Gnosis como Ciência

A Consciência nos dá o conhecimento integral do que se é, de onde se está, do que realmente se sabe e do que certamente ignora.

Samuel Aun Weor

O segundo fundamento para o desenvolvimento da Gnosis é a ciência.

Compreendemos que existem duas classes de ciência. Uma se baseia em evidências obtidas a partir de experimentos que podem ser repetidos quantas vezes for necessário e que produzirão sempre os mesmos efeitos.

Essa ciência está muito bem adaptada para trabalhar com tudo que pertence ao terreno do que pode ser observável e descrito. Essa é a ciência acadêmica.

Existe, no entanto, uma outra ciência, que é virtualmente impossível enquadrá-la dentro de uma fórmula exata, porque depende de tantas incógnitas – a maior parte delas, absolutamente desconhecidas – que só o ajuste dinâmico, baseado em um estado de completa conexão com o presente, pode fazer.

Os efeitos dessa ciência, muitas vezes, podem ser medidos seguindo os princípios físicos, químicos e matemáticos que descrevem todos os fenômenos da natureza. Porém, isso só pode ser praticado por alguém que esteja em posse dos seus sentidos naquele exato momento.

Estamos falando de uma ciência distinta, cujos métodos ainda não contam com equipamentos adequados para estudá-la, e que só pode ser praticada pelo exercício do estado de presença e pela conexão com a mais profunda recordação de sua própria potência de Ser, que advém à pessoa de forma intuitiva, espontânea.

É graças a essa ciência que um jogador de basquete bem treinado sabe calcular com precisão o que deve fazer para acertar uma cesta, não importando a que distância esteja;

nenhum matemático ou físico bem treinado saberia fazer isso com tamanha ciência, ajustando músculos, tendões, ângulo, distância e pressão atmosférica em sua própria máquina humana.

Mas mesmo o jogador mais experiente não pode garantir que, em condições idênticas ao arremesso anterior, ele atinja o mesmo resultado. Porém, tampouco depende de sorte ou acaso. A questão é que ele precisa estar consciente de si e do ambiente para que sua habilidade em conhecer o seu corpo, a bola e a quadra se alinhem para produzir o efeito desejado.

A ciência do observável é poderosa; porém, a ciência que envolve o discernimento do mundo interior também é absolutamente poderosa e precisa, sempre que a consciência coordene seu dinamismo.

Existem muitas coisas que, uma vez aprendidas, tornam-se absolutamente corriqueiras e automáticas, mas que são de uma complexidade gigantesca, como o ato de caminhar ou correr. Elas pertencem a uma ciência que, praticada e repetida até a exaustão, nos permite resultados bem semelhantes, não importando muito as diferenças do terreno ou das condições internas.

Essa ciência, que envolve experimentação, treino, descoberta, envolve também encontrar o seu próprio jeito para cada coisa.

É muito provável que cada jogador tenha encontrado, à sua maneira, aquilo que precisa fazer para ter o mesmo resultado positivo que os outros jogadores alcançam; assim como é provável que cada pessoa apoie o peso do corpo em uma parte

diferente dos pés e tenha encontrado um jeito único de equilibrar o seu corpo, ou de desenvolver a fala, etc.

A ciência necessária para a Gnosis é a de encontrar o seu jeito, o que para si mesmo funciona melhor, seja para acessar essa conexão consigo, seja para se motivar, seja para aprender a mover-se consciente dentro dos sonhos; existem fórmulas, mas elas são apenas aproximações ou indicações de um método que só se aprende em pleno exercício, fazendo.

Esse caminho é absolutamente natural para nós, pois tudo que aprendemos na vida obedece a essa dinâmica: fazer – aprender - fazer mais - aperfeiçoar - fazer de novo - descobrir o que não funcionou bem - redescobrir – testar – alcançar - analisar por que deu certo - repetir... e assim por diante.

A ciência da experimentação e do autodesenvolvimento só conhece a sua própria verdade, o que ela própria conheceu e saboreou, que é o que a cada momento nos sintoniza com as condições presentes, para poder atingir o resultado proposto.

É dessa ciência que nos utilizamos para avançar em nosso próprio caminho: aquilo que fazemos conscientes, por nós mesmos.

CAPÍTULO 14

A Gnosis como Arte

*No final das contas, somos o que fazemos
para mudar o que somos.*

Eduardo Galeano

O que é arte? Qual o papel que a arte desempenha dentro do processo de encontro consigo mesmo?

Todo conhecimento trazido ao mundo é o resultado do encontro de uma pessoa consigo mesma, com o âmago de sua potência, direcionada à descoberta de um aspecto da natureza.

Esse achado ou percepção é o fruto da Gnosis e assim os diferentes tipos de conhecimentos e produções são incorporados à ciência, à filosofia, à espiritualidade ou à arte.

No entanto, existe uma conexão muito específica entre as características da ciência, da arte, da filosofia e da religião que favorecem o desenvolvimento da Gnosis. Os quatro ramos do saber não são apenas os frutos da Gnosis; antes disso, são as raízes que lhe dão sustentação e alimento.

A Gnosis como filosofia é o processo de busca que direciona a percepção para o mundo interior, onde está a porta que nos conecta a todas as coisas; a Gnosis como Ciência se traduz no entendimento e no método não-conceitual, resultantes das experiências vividas de forma direta, onde o corpo e a psique apreendem o necessário para alcançar um determinado resultado; mas e a arte: como ela pode influenciar na conexão consigo mesmo?

Arte, acima de tudo, é a habilidade de transformar as coisas. Em seu trabalho, o artista transforma a matéria-prima em sua obra de arte. O pintor, transforma uma tela em branco; o escultor, lapida uma rocha; o poeta, transforma as palavras para descrever a magia presente no cotidiano; o músico transforma notas em melodia... enfim, todo artista opera sobre a natureza, transformando-a.

Aplicada ao caminho do autoconhecimento, a arte é a capacidade de lapidar-se, de remover o que sobra, para que o essencial se revele.

Sem transformação interior, a sabedoria latente permanece abafada em nossas múltiplas camadas de artificialidade e esquecimento de nossa verdadeira natureza.

Para expressar a Gnosis dos mistérios, é mais importante que se retire o que sobra do que se agregue novos conhecimentos, assim como o escultor "revela" a sua arte, removendo as arestas de rocha que escondem o que a visão do artista já era capaz de enxergar, antes mesmo de começar seu trabalho.

A Gnosis como Religião

A emoção mais bela que podemos experimentar é o mistério. É o poder de toda a verdadeira arte e ciência. Aquele que desconhece essa emoção, que já não consegue se admirar ou ficar extasiado em espanto, é como se estivesse morto.

Saber que o que é impenetrável para nós realmente existe, e que se manifesta como a mais alta sabedoria e a beleza mais radiante, que nossas faculdades embotadas podem compreender apenas na sua forma mais primitiva - esse conhecimento, esse sentimento, está no centro da verdadeira religiosidade.

Albert Einstein

O termo religião – do latim, *religare*, ligar de novo, está relacionado à experiência de reconexão com a sua própria verdade, com sua origem e propósito.

Religião é um estado de consciência, é uma forma muito peculiar de perceber o mundo e a vida; esse estado de consciência pode encontrar vínculo com alguma tradição religiosa, mas isso não é uma condição para expressar a espiritualidade.

É possível que alguém tenha uma profunda experiência espiritual sem sequer acreditar na existência de Deus, assim como a participação em algum culto não assegura o desenvolvimento desse estado de consciência.

Religião é vivência íntima dos mistérios, é algo que só se pode experimentar de forma direta, sem a mediação de nenhuma outra pessoa.

Gnosis é, em síntese, uma experiência mística, na qual nossa consciência individual se conecta com a consciência universal e pode fazer o "*download*" da informação que, através do seu objetivo, tem buscado.

Isso, no entanto, não é apenas uma experiência que depende de conexão espiritual (religião); depende também de buscar incessantemente (filosofia), de encontrar o caminho ou método pessoal para se conectar (ciência) e ainda de remover as arestas que nos atrapalham nesse processo (arte). Por isso esses quatro aspectos formam as raízes da experiência do caminho, da verdade e da vida...

Todos os grandes iluminados do mundo acessaram a sua própria verdade através desse caminho; e também a

estabilizaram, de modo que se tornaram capazes de reestabelecer essa conexão a qualquer momento.

Assim como muitas pessoas no mundo se aperfeiçoam em uma habilidade ou profissão específica, assim todos os grandes mestres da humanidade aperfeiçoaram a habilidade suprema, ou autoconhecimento (Gnosis), que é a mãe de todas as habilidades, pois não existe nada que não se possa conhecer quando se acessa a essência que dá origem a tudo...

CAPÍTULO 16

O despertar da visão

Nada é tão poderoso como uma ideia cujo tempo chegou.

Victor Hugo

O ser humano caminha orientado pela distância entre a sua visão de realidade e a sua noção de possibilidade. Porém, na medida em que começamos a olhar para dentro, sobram poucas coisas que parecem ser absolutamente reais, em si mesmas; o que cremos ser a realidade é, geralmente, um recorte estagnado da vida, que não revela a complexidade nem muito menos a diversidade existente, assim como uma fotografia de um parque ensolarado não deveria nos fazer crer que naquele lugar sempre faz sol...

A percepção que se tem a respeito das pessoas, a respeito do mundo ou até a respeito de si mesmo muitas vezes é distorcida por acontecimentos isolados, que ficam registrados na memória como sendo mais significativos que todo o resto; e assim é como construímos nossa identidade e definimos nossas possibilidades.

Assim, pode acontecer que alguém considere esses estudos muito interessantes, porém não se sinta à altura desse desafio, ou que acredite que, do mesmo modo como já aconteceu com outras coisas no passado, daqui a algum tempo também perderá o interesse e acumulará assim mais um fracasso na vida. Ou pode ser que alguém pense: "Gostaria muito de ter tempo para estudar Gnosis"...

Quantas oportunidades desperdiçamos por causa desse tipo de pensamentos!

Uma coisa é deixar de lado uma possibilidade porque ela não nos interessa; essa é uma escolha sensata, pois dessa forma estamos honrando as escolhas feitas pelo nosso coração. E isso não significa fechar uma porta... às vezes, simplesmente não é o nosso momento e mais adiante é que vamos despertar para aquele chamado.

Outra coisa bem distinta é não se permitir explorar uma nova possibilidade onde nosso coração encontra alento, por não acreditar na sua própria capacidade ou por não proporcionar a devida prioridade para esse chamado.

Esse tipo de complicação mental geralmente é baseado em uma falta de confiança na vida ou nas escolhas que nossa própria essência realiza; em todos os casos, a complicação deve-se a uma leitura distorcida que fazemos das circunstâncias...

O que seria de uma criança que começasse a engatinhar e tivesse essa mesma atitude frente ao mundo? Como seria se ela observasse as crianças e adultos caminhando com tanta naturalidade e comparasse com a sua condição? O que aconteceria se diante disso ela se conformasse e desistisse de caminhar, ao invés de escutar à voz interior, que se expressa como curiosidade e rebeldia contra sua própria limitação?

Só a própria pessoa pode compreender a força com que esse chamado íntimo ecoa dentro dela; e só a própria pessoa pode decidir qual voz interior vai escutar: a que lhe traz a esperança de um novo mundo ou a que lhe reduz à vítima das circunstâncias da vida.

Todas as pessoas dispõem das condições necessárias para escutar a própria essência, na exata proporção em que essa essência a chama a descobrir-se.

Quando esse sentir aquece nosso coração e o enche de vigor, nada poderia ser mais injusto que ignorar essa voz, porque é um sinal inequívoco de que seu tempo chegou e que a maturidade para viver esse processo já existe, indiferente das crenças limitantes que a mente impõe a si mesma.

A fruta madura desprende-se da árvore sozinha; a criança, quando está pronta, sustenta-se sobre suas pernas e dá seus primeiros passos; mas isso só ocorre porque sabem escutar a natureza dizendo que seu momento chegou.

O adulto, no entanto, carregando o fardo das condições que acredita que definem a sua realidade, nem sempre encontra a simplicidade de permitir-se escutar a si mesmo...

Por isso às vezes precisamos construir um conjunto de recursos – como um kit de ferramentas - para avançar nessa caminhada, e pode ser que em alguns momentos se precise de uma dessas ferramentas, e às vezes de outra. Essas são as virtudes da alma. Porém virtude, nesse contexto, é a capacidade de saber escolher usar ou não tais características, de acordo com o contexto e as circunstâncias.

O que comumente as pessoas chamam de virtude e defeito são características estáticas e que, fora de um contexto, podem expressar o seu exato oposto. Por esse motivo é tão difícil conseguir traçar um mapa do desenvolvimento espiritual, pois qualquer mapa, para ser preciso, precisa levar em conta o ponto em que a pessoa se encontra.

Por exemplo, para uma pessoa vaidosa e cheia de si, que acredita ser superior aos outros, é importante entrar em contato com um ensinamento que desperte para o fato de que não somos nada, que não somos o centro do universo e que o ego é pura vaidade.

Porém para uma pessoa com uma baixa autoestima, que não se considera merecedor de nada e que por conta disso não consegue empreender uma jornada em direção a coisa alguma

porque não acredita em si mesma, um ensinamento desse tipo pode afastá-la ainda mais da sua potência.

Da mesma forma, voltar-se para dentro de si mesmo e tornar-se cada vez mais introspectivo e reflexivo poderia ser considerado um sinal de uma mudança positiva.

Porém, para uma pessoa extremamente tímida, reservada ou insegura, considerar que esse é o caminho a seguir pode fechá-la em um casulo ainda mais denso e talvez, nesse caso, para expressar plenamente sua potência, seja necessário despertar a habilidade oposta, ou seja, de interagir e transformar o mundo com a sua presença.

Não podemos confundir características com virtudes. Por exemplo, alguém pode ser organizado por uma questão de mera personalidade ou temperamento e isso não significa necessariamente uma virtude, pois se ela não tem controle sobre isso e se em algum momento for necessário improvisar ou agir de forma mais espontânea, descobre então que não está preparada.

Virtude é apenas o que a pessoa desenvolveu voluntariamente, à base de disciplinas conscientes.

Virtude é gerência sobre uma característica, ou seja, a capacidade de escolher como e quando usá-la.

Ser uma pessoa assertiva e franca ou ser uma pessoa tranquila e que perdoa os pequenos deslizes; ter boa memória ou não guardar coisas negativas que aconteceram; ser perfeccionista ou se importar mais com o bem-estar do que com a perfeição; ser introvertido ou extrovertido; engraçado ou reservado, improvisador ou que se prepara com muitas semanas de antecedência... nada disso é virtude ou não-virtude.

Porém a habilidade de aprender a utilizar cada uma dessas “ferramentas”, isso sim é virtude.

Dá-se o nome de meta-habilidades às habilidades construtoras de novas habilidades. E são as meta-habilidades que precisamos enfatizar para desenvolver e sustentar uma visão coerente da nossa própria caminhada. Esses são os recursos ou o kit de ferramentas que antes citamos.

Dentre esses recursos ou habilidades, destacamos:

Convicção, clareza e foco

O que se necessita para avançar em uma direção qualquer é saber onde queremos chegar e ter clareza sobre como lidar com as muitas distrações que surgirão nessa jornada.

Sem foco, podemos avançar apenas no momento em que existe o entusiasmo do início e assim não conseguiremos desenvolver uma visão estável e profunda de nós mesmos nem da nossa posição na vida.

O que desenvolve clareza, convicção e foco é enxergar toda a estrada; para isso é preciso “enxergar do alto”, ver o caminho por inteiro, ou seja, visualizar o percurso e o que se espera ao trilhar esse percurso. Esse é o caminho da visão, que antecede a ação adequada para atingir seus objetivos.

Com clareza e foco entendemos que existe algo maior que estamos buscando e então aceitamos com mais facilidade os sacrifícios que se mostram necessários.

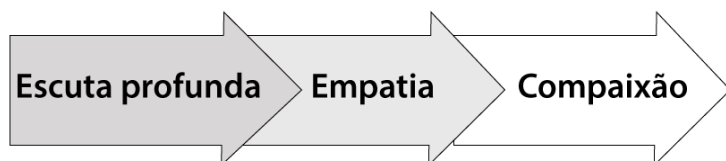
Mas é importante não tomar o percurso apenas como um trajeto entre o ponto em que estamos e o ponto onde queremos chegar, pois a jornada também traz muitos resultados e tesouros em si mesma. Essa é a sabedoria que nos permite apreciar a viagem sem nos desviarmos da rota.

Essas habilidades desenvolvem em nós um sentido, uma razão para seguir em frente.

Escuta profunda e empatia

Escuta profunda é a habilidade de estar atento e aberto a novas descobertas, tanto do mundo quanto de si mesmo.

Sem a escuta profunda, nos fechamos dentro de nossas próprias certezas e nos tornamos insensíveis ao que a vida nos apresenta. Essa é uma habilidade que se constrói com um coração sensível e uma mente flexível, disposta a enxergar as suas certezas sob novos ângulos.



Além disso, escuta profunda é a habilidade que constrói a empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro e se conectar com a experiência que o outro vive.

A compaixão, resultado da empatia, é completamente diferente da pena ou piedade, pois ao sentir pena percebemos a dor do outro, porém rechaçamos aquele sofrimento porque

nos colocamos na situação e sentimos medo de experimentar a mesma coisa.

A compaixão é uma experiência profundamente espiritual, pois entramos na vivência do outro, percebemos a dor que ele sofre e sentimos vontade de tirar a pessoa para fora daquele sofrimento. Em síntese, enquanto a compaixão nos conecta com o outro, a pena nos afasta.

A empatia, resultado da escuta profunda, tem a ver com os neurônios-espelho, recurso do nosso sistema nervoso que nos permite experienciar o que o outro experimenta, graças a um sofisticado mecanismo de simulação da realidade.

Esse é um dos mecanismos biológicos da espiritualidade profunda, onde o indivíduo vivencia o que está aparentemente separado de si mesmo.

Por um outro lado, a escuta profunda também tem a ver com o encontro consigo mesmo, com a habilidade de perceber-se e ouvir a voz do seu próprio coração, de penetrar em seu reino interior e entrar em contato com as sutis manifestações e movimentos que ali acontecem.

Quem aprende a escutar a si mesmo, desde as suas necessidades até os sábios conselhos sussurrados por seu coração tranquilo, desenvolve uma nova maneira de se relacionar com o mundo e um novo sentido para viver...

Atitude

Capacidade de agir diante das incertezas. Sem atitude, permanecemos vítimas das circunstâncias favoráveis ou dependente delas.

A atitude que nos torna livres é a de não depender das condições ideais para realizar algo e isso é o resultado da clareza e foco. Este é o caminho da ação, ou seja, aquilo que estabiliza nossa visão.

Atitude tem a ver também com os acordos que estabelecemos e a clareza do preço a ser pago para alcançar nossos objetivos.

Diante da indecisão e da incerteza, ter uma bússola que oriente a decisão facilita abrir o passo na melhor direção.

Existe um ditado popular que expressa bem a atitude necessária para ter resultados em qualquer coisa: “Quem quer, dá um jeito; quem não quer, dá uma desculpa”. Isso resume a atitude.

O ponto-chave da atitude é chegar em um nível de compromisso com a sua própria verdade que nada mais consiga nos tirar a convicção de caminhar naquela direção.

Quando a própria natureza percebe que não existe tropeço que nos mantenha no chão e que não importa o quanto estejamos machucados iremos nos erguer e continuar a caminhar na mesma direção, nesse momento ela se torna nossa maior instrutora e nos conduz pelos caminhos ocultos que se encontram em nossa própria constituição biológica; é nesse momento em que se encarnam os mistérios da nossa ciência interior, o nosso jeito de fazer cada coisa.

Visão transcendente

A visão comum tende a polarizar os eventos entre sucesso e fracasso.

Na visão transcendente, busca-se superar a dependência por resultados aparentemente positivos, entendendo que enquanto não se completar a travessia em direção à margem segura da superação, não existem triunfos verdadeiros, pois ainda estamos no campo de batalha. Mas também não existem fracassos, o que existe são pontos cegos que ainda não percebíamos e a cada nova situação vamos nos descobrindo.

Além disso, é necessário compreender que nenhum esforço é perdido, pois tudo faz parte do caminho em direção à sua própria superação e de todo limão, se pode fazer uma bela limonada.

Em uma perspectiva comum, podemos ficar tristes quando somos tomados por uma emoção negativa como raiva ou mágoa; mas em uma perspectiva transcendente, se compreendemos que todos esses males já estão dentro de nós, a única coisa que muda quando isso se manifesta é que assim temos a oportunidade de ver como e por que aquilo vem à tona e assim podemos trabalhar sobre isso.

Outro obstáculo para a transformação interior está no fato de atribuímos juízo moral aos nossos erros. Ou seja, em uma perspectiva comum, cada vez que cometemos um erro ou nos desviamos do propósito estabelecido, temos a tendência a nos julgarmos maus e indignos da graça divina.

Na perspectiva da visão transcendente, errar ou não errar não nos torna nem melhores nem piores, já que ainda continuamos tendo os mesmos elementos que nos levam aos erros e acertos. Por isso nosso objetivo não é melhorar o comportamento, mas sim passar por uma profunda transformação interior, em que a causa dos erros morra. Só isso pode nos tornar melhores do que já somos.

E, ao contrário do que comumente se pensa, não erramos porque somos pessoas más; erramos porque ignoramos o mecanismo que nos mantém aprisionado ao erro e não sabemos como gerar as forças para produzir uma mudança. Por isso o conhecimento (Gnosis) é a chave para a libertação dos próprios erros.

Da mesma forma, em uma perspectiva comum temos a tendência de acreditar que estamos indo muito bem quando uma emoção destrutiva passa um longo período sem se expressar. Mas em uma visão transcendente, buscamos não nos confundir com esse aparente sucesso, recordando que se ainda não superamos tal ou qual debilidade, é só uma questão de oportunidade para que aquilo volte a aparecer.

A nossa psique, com todas essas debilidades, se assemelha a um pote com comida onde proliferaram vermes. Não deveríamos ficar chateados caso os vermes consigam sair para fora do pote – o que realmente importa é remover todo esse conteúdo estragado.

Além disso, em cada emoção destrutiva existe um potencial de energia e de habilidades preso e que necessita ser descoberto e trabalhado pela consciência. E só com uma visão transcendente que seremos capazes de nos alegrarmos quando

esses estados negativos surgem, pela oportunidade que nos oferecem.

Quando se reúnem a clareza e o foco (filosofia), a escuta profunda (religião), a atitude (ciência) e a visão transcendente (arte), temos novamente traçados os quatro pilares da Gnosis como método de transcendência da nossa condição atual para mergulharmos em nossa verdadeira natureza.

Essas quatro habilidades, nessa mesma ordem, determinam o sentido de urgência do caminho e o nível de profundidade dos ensinamentos recebidos dentro desta escola de mistérios, que é a escola gnóstica. Ou seja, primeiro precisamos encontrar um norte (filosofia), depois precisamos nos conectar com o nosso guia interior (o coração - religião), depois vamos aperfeiçoar nossa própria via de acesso (ciência), nossa própria metodologia para acessar sempre que precisarmos a Gnosis e os mistérios e finalmente encarnamos a visão não-dual (arte), que nos permite despertar para a nossa própria verdade e sair do estado onírico que norteia nossas escolhas e nossa existência.

Todas essas habilidades são desenvolvidas em conjunto; mas seus frutos aparecem geralmente dentro dessa sequência, pois algumas habilidades amadurecem primeiro que outras. E é por essa razão que temos o conhecimento gnóstico organizado em câmaras, que sistematizam esses níveis de profundidade e maturidade no percurso em direção à sua autorrealização.

Nas palavras do V.M. Samael Aun Weor:

Existem quatro caminhos importantíssimos que todo Matrimônio Perfeito deve conhecer: Primeiro: o caminho do Faquir. Segundo: O caminho do Monge.

Terceiro: O caminho do iogue. Quarto: O caminho do homem equilibrado.

O Movimento Gnóstico Cristão Universal tem Escola e Religião.

O primeiro caminho o vivemos na vida prática aprendendo a viver com retidão. O segundo caminho reside em nossa Igreja. Esta tem seus sacramentos, seus rituais e sua vida enclausurada. O terceiro caminho o vivemos como ocultistas práticos. Temos nossas práticas esotéricas. Exercícios especiais para o desenvolvimento das capacidades latentes no homem.

O quarto caminho, a Via do Homem Astuto, a vivemos na prática dentro do mais completo equilíbrio. Estudamos a Alquimia e a Kabala. Trabalhamos desintegrando o eu psicológico.

Estes quatro caminhos correspondem às câmaras gnósticas, mas também correspondem a níveis de transformação, como um “mapa” do caminho. Por isso vamos estudá-los, um a um, nos capítulos seguintes.

Descobrir um novo estilo de vida: o faquir

*O bom general vence a batalha antes de começá-la;
o mau general luta na esperança de poder vencer.*

Sun Tzu

Os quatro caminhos é um ensinamento deixado por Gurdjieff, grande filósofo e mestre que influenciou decisivamente os ensinamentos do gnosticismo contemporâneo, principalmente no que diz respeito à psicologia gnóstica. Aqui fazemos uma transposição desses ensinamentos, aplicando-os ao caminho de transformação interior.

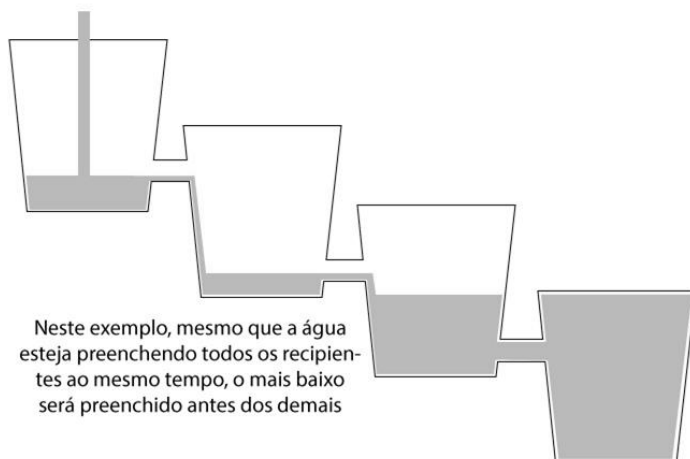
Muito já foi escrito sobre o aspecto exterior desse ensinamento, analisando as características das escolas que compõem cada caminho. Porém, os ensinamentos das escolas iniciáticas tem três níveis de profundidade: um aspecto público ou externo, dado às multidões; outro aspecto interno ou iniciático (mesotérico), dado aos que buscam a sabedoria interior; e por último, um nível secreto, que só se compreende quando se vivencia, quando se experimenta em um nível sutil de consciência. Embora exista transmissão nesse terceiro nível, ela acontece de consciência para consciência, em geral, de mestre para discípulo; portanto, a abordagem trazida para as próximas páginas diz respeito ao nível interno ou iniciático.

O tema dos quatro caminhos diz respeito ao processo de amadurecimento de qualquer habilidade, e esse desenvolvimento é completamente fracionado por áreas da consciência.

Mesmo que tenhamos percorrido todo o trajeto (que na sequência vamos estudar) e adquirido uma certa maestria em uma habilidade, isso não é o suficiente para que tenhamos mais facilidade em outras áreas que não estejam relacionadas.

Também é importante destacar que esta divisão em quatro etapas tem um caráter didático no entendimento do processo de amadurecimento de cada nova habilidade. E mesmo que

façamos o esforço para desenvolver as qualidades que caracterizam todos os quatro caminhos ao mesmo tempo (que é o mais normal), é bem provável que o amadurecimento de cada habilidade ocorra nessa exata sequência, assim como, se tivermos vários recipientes ligados entre si, a água preencherá primeiro o que está mais abaixo, conforme o desenho a seguir:



O que é um faquir?

Um faquir é um praticante que se impõe uma rígida disciplina como método para atingir a liberação. Eles ficaram muito conhecidos no ocidente por estranhas demonstrações de domínio do corpo, como conseguir permanecer semanas em pé, ou deitar-se em camas de pregos, ou fechar uma mão e não abri-la mais a tal ponto das unhas saírem pelo dorso da mão, como aparece no filme “O pequeno Buda” (o faquirismo foi o primeiro tipo de prática que Sidarta Gautama se dedicou, quando decidiu renunciar às ilusões do mundo; depois gradativamente ele foi avançando na exata sequência dos três

caminhos seguintes, descritos nos três giros da roda do Dharma).

Entendemos o faquirismo como a adoção de um novo estilo de vida, distinto do comportamento que tínhamos antes, por compreender que existe algo a ser atingido, a ser modificado, para que se produza um resultado diferente na nossa vida.

A adoção de novos comportamentos, hábitos e atitudes tem a ver com a mudança de perspectiva a respeito do sentido da vida, do que a vida tem a oferecer e do sentido que damos à nossa existência. Em síntese, tudo começa por uma mudança de visão, que é acompanhada por uma revisão de comportamentos e hábitos.

Estes novos hábitos, em um primeiro momento, de certa forma são artificiais - embora sejam decisões produzidas pela própria compreensão do indivíduo em sua busca por si mesmo - já que esses novos comportamentos foram construídos para se ajustar à nova visão de mundo que a pessoa está elaborando, e ainda não foram naturalizados como os comportamentos anteriores, que foram internalizados pelo convívio social e pela força da cultura vigente; ao contrário, estes novos comportamentos nascem de um processo de rebeldia interior, de compreensão sobre a discrepância entre nossos valores mais profundos (e muitas vezes até então negligenciados) e nosso estilo de vida.

Surge então um estado de inconformidade consigo e com o que está consolidado no mundo como "normal", e aparece a vontade de escapar da prisão social e cultural à qual temos sido cativos até então.

Mas essa nova visão vai encontrar duras resistências, dentro e fora de nós.

Dentro de nós, a força dos velhos hábitos lutará para sustentar seu espaço; fora de nós, o mundo reclamará seu direito sobre nossa previsibilidade.

Assim, o distanciamento dos antigos comportamentos e a adoção de um novo estilo de vida - mais adequado com os valores internos que reconhecemos como fundamentais para nossa própria felicidade – tem sabor de faquirismo, porque é um caminho onde a própria pessoa se impõe disciplinas à base de superesforços, baseados nos acordos que ela mesma está firmando com sua consciência.

Em síntese, o encontro consigo mesmo geralmente é marcado pela compreensão de que existe um objetivo de vida distinto ao que tínhamos em mente até então. E que, se queremos resultados diferentes, precisamos estar dispostos a ter atitudes diferentes. Esse é o caminho do faquir.

De início, o que temos é uma sensação de retornar a uma antiga estrada, que vai nos levar a nós mesmos. E a convicção e a clareza sobre o que queremos de agora em diante nos proporciona o foco necessário para sacrificar pequenos prazeres momentâneos por recompensas maiores, mas que são obtidas à base de escolhas sustentadas através do tempo, mediante o exercício da repetição e do aumento de intensidade.

Por exemplo, pode ser que uma pessoa compreenda que a satisfação que encontrava com o cigarro, cada vez que fumava, agora não preenche mais como antes. Então ela estabelece um acordo: ela quer se libertar dessa dependência e amenizar sua

ansiedade aprendendo a relaxar e a sustentar um estado de tranquilidade interior, e se livrar do cigarro.

Com o acordo firmado consigo mesmo, surge a necessidade de uma nova forma de agir cada vez que se apresentem a ânsia interior e o contexto exterior que antes a levava a fumar.

Se a escolha foi feita baseada em uma profunda convicção de que fumar já não satisfaz plenamente a sua necessidade, então é mais fácil aplicar a força da vontade e substituir um hábito por outro, como por exemplo, fazer respirações profundas e acalmar a ansiedade que se manifesta.

No entanto, se a pessoa não tiver a suficiente clareza e sentir a necessidade de repensar o acordo que fez consigo mesma, existe um risco muito grande de que, mais tarde, ela se arrependa daquele vacilo. Porém mesmo no erro existe um poderoso reforço do acordo feito, pois depois que a consciência iluminou uma área da vida, é improvável que a ignorância que sustentava aquele velho hábito continue satisfazendo plenamente a pessoa.

Então, mesmo quando falhe consigo mesma, o mais provável é que ela se sinta mal por isso, e assim vai perceber que a mudança já começou a acontecer e que agora depende dela completar a travessia ou seguir se afogando em antigos comportamentos que já não correspondem ao que ela mesma quer fortalecer dentro de si.

O erro pode, no entanto, fazer a pessoa assumir uma postura derrotista em relação a si mesma, fazendo-a crer que a mudança é impossível ou muito difícil, pois por mais que ela queira mudar, ela não consegue. Isso sim seria realmente trágico, e não

o erro cometido, pois essa conclusão inviabiliza a possibilidade de aprender com o erro, para então superá-lo.

O V.M. Samael ensina categoricamente que “não são as perdas nem as quedas o que podem fazer fracassar nossa vida, senão a falta de coragem para levantar e seguir em frente”.

A atitude após o erro é geralmente mais determinante do que o erro em si; já que o erro revela o mecanismo automático, o ponto cego que nos afastou do que escolhemos para nós mesmos. E uma vez visualizado e compreendido, é possível construirmos novos hábitos que servirão para neutralizar aquele mecanismo vicioso.

Quando uma pessoa amadurece o suficiente em relação a um determinado mau hábito que escolheu substituir, a necessidade de escolha diante do erro se torna cada vez menor; pois ela já sente que aquilo é uma ilusão e que não vai proporcionar a satisfação que antes proporcionava; então, essa pessoa foca no que escolheu cultivar, no que escolheu se tornar e a cada batalha dessas, sua convicção se fortalece.

Assim é como modificamos hábitos: pouco a pouco um velho hábito perde o sentido e vai sendo substituído por um novo comportamento, voluntariamente inserido, até que esse novo comportamento se torne natural.

Como a consciência desperta por áreas, ou seja, não passamos a adotar comportamentos lúcidos simultaneamente em todas as áreas da nossa vida, mas somente naquelas em que a consciência já iluminou e criou recursos para substituir o que já não serve, dessa forma entendemos que o caminho é muito individual e portanto seria muito difícil criar um manual de conduta que fosse ajustado às necessidades das pessoas que

querem despertar, pois a pessoa avança na direção e no ritmo que a sua própria consciência vai determinando.

Uma pessoa pode ter adquirido grande domínio de si em alguma coisa e não ter nenhum controle em outro aspecto de sua vida. Ou seja, ser “perito” em algo não nos torna menos ignorantes em tudo aquilo que desconhecemos.

Por exemplo, alguém pode ter adquirido uma grande consciência do valor da alimentação, nutrir-se muito bem, selecionando perfeitamente seus alimentos, etc. Porém, apesar desse nível de consciência adquirido quanto à alimentação, pode ser uma pessoa mesquinha, ou que se irrita facilmente quando contrariada. Assim é como vamos avançando na construção de disciplinas para superar cada aspecto que julgamos que não cabe mais na vida que escolhemos para nós mesmos.

No documentário *Awaken: A biografia de Yogananda*, aparece um diálogo muito interessante entre o mestre e um dos seus discípulos.

Conta que, em um momento o estudante disse para Yogananda que não gostava das proibições que as religiões faziam. Então o mestre hindu lhe perguntou se ele fumava e ele disse que sim. E Yogananda disse, “mas você pode continuar fumando”.

E perguntou também: “Você bebe?” - Quando o estudante respondeu que sim, o mestre disse: “mas você pode continuar bebendo” – e perguntou: “Você faz sexo promíscuo com mulheres?” – quando o estudante também disse que sim, Yogananda mais uma vez disse que ele poderia continuar fazendo isso.

Quando o estudante disse que não entendia como ele poderia continuar fazendo tudo que fazia e mesmo assim ser aceito como seu discípulo, Yogananda respondeu que o aceitava, porém o que ele não poderia garantir é que ele (o estudante) continuasse *querendo* fazer todas essas coisas.

Aí está um ensinamento que revela o fluxo natural da mudança: quando estamos preparados para ela, é só uma questão de tempo até que os velhos hábitos não tenham mais espaço em nossa vida; e dessa maneira, qualquer disciplina externa - ou seja, que não tenha sido gerada por nossa própria consciência, resultante desses acordos feitos consigo mesma - é completamente infrutífera.

Se confiarmos no fato de que a verdade nos liberta da ignorância, que a luz dissolve as trevas, então podemos confiar que a própria pessoa vai se dar conta de tudo que não serve mais para si mesma e, quando estiver pronta, vai se interessar em construir disciplinas para superar isso, mas apenas quando tiver chegado à conclusão de que já não quer mais aquilo na sua vida. Então, nesse momento, ela está pronta para a mudança.

A consciência orienta a transformação necessária. Porém, isso não significa que esse processo seja suave. De fato, é uma verdadeira morte arrancar algo que foi plantado e cultivado dentro de nós ao longo de muitos anos. Por isso o caminho do faquir é um caminho de impor vontade e disciplina, com o propósito de alinhar sua visão com o seu modo de viver a vida.

O caminho do faquir é praticamente uma etapa de desintoxicação, uma antessala do trabalho mais profundo e efetivo, porém praticamente um pré-requisito para as próximas etapas.

Quando nos propomos a mudar algo dentro de nós mesmos, a única coisa que sabemos é que aquilo não está bem. Na maioria das vezes ainda não temos o discernimento para compreender profundamente o buraco em que estamos metidos. Porém, conseguir levantar a cabeça e ver que temos que sair dele é um excelente início.

Os quatro caminhos têm relação direta com os quatro elementos da natureza e também com as quatro colunas que sustentam a sabedoria gnóstica. E ainda que soe estranho a princípio, o caminho do faquir, que é o caminho da reeducação de hábitos corresponde ao elemento ar e à filosofia.

O V.M. Lakshmi define que a "filosofia é a elevação do estado de ânimo que nos capacita a enfrentar as adversidades da vida". Ou seja, a filosofia é o ponto de partida da transformação, porque nos dá os motivos e o ânimo necessários para produzir as mudanças, que devem ocorrer em primeira instância através das atitudes.

Ninguém se sujeitaria à privação de deixar de fazer algo que costuma (e gosta de) fazer se não fosse por uma mudança na sua maneira de pensar e por isso o caminho do faquir pressupõe que essa mudança na forma de pensar já começou.

Quando já enxergamos o comportamento destrutivo que tínhamos, começamos a sentir um estado provisório de liberdade, que seguidamente é substituído pelo desespero de um novo conflito contra o velho hábito.

Esse esforço é desgastante e se permanecemos nele por muito tempo, sem dar os próximos passos no caminho da transformação, podemos nos sentir esgotados, acreditando que esse velho costume nos acompanhará como uma sombra

tentadora por toda a vida. Por isso é necessário avançar em direção ao segundo elemento, que é o caminho do monge.

Transcender o negativo: o monge

*A Gnosis só pode ser vivida pelos Deuses e pelos homens
inspirados.*

V.M. Lakshmi

O caminho do faquir dá início ao processo de mudança em cada aspecto que sentimos que não nos torna plenos. Porém às vezes parece que esse trabalho de mudança de atitude já não é o suficiente, uma vez que podemos, à base de muito esforço, diminuir ou parar de expressar algo, mas isso não significa parar de querer expressar aquilo.

Existe um espaço entre o desejo de deixar de ser de uma maneira e a naturalidade de um novo comportamento, que abrange não só a parte física, mas também os padrões cognitivos e emocionais.

Este espaço entre o querer e o atingir é um espaço psicológico vago, impreciso, que continua vinculado a um tipo de evento que dispara aquele comportamento que agora não queremos mais.

Dentro do gnosticismo chamamos isso de “espaço vazio”. No budismo este mesmo fenômeno é chamado de marcas mentais (samskara). Em ambos os casos, o termo faz alusão ao espaço construído por um comportamento repetitivo, da mesma forma como a água da chuva abre caminhos na terra e faz com que, sempre que caia água de novo, ela escoe em direção a esses espaços, aumentando sua profundidade.

Do ponto de vista da neurobiologia, essas sinapses formadas pela repetição vão se tornando cada vez automáticas e o sistema nervoso tende a assumir que aquela é a resposta padrão para um determinado tipo de circunstância. Então, quando queremos mudar a resposta, temos que lutar contra nosso próprio automatismo que nos joga de volta a repetir o mesmo padrão enquanto este não tenha sido substituído por outra resposta.

Enquanto os espaços vazios ou marcas mentais não forem substituídos por novos padrões, enquanto essa travessia não se completar, nos mantemos em uma zona de risco...

Mais que isso: enquanto esse processo não se completar, os velhos padrões ainda lutam por saciar uma necessidade que deu origem àquele comportamento.

Então a pessoa fica entre dois corações: um que quer satisfazer uma necessidade – mas que já não consegue saciá-la plenamente, pois nossa escala de valores mudou – e outro que quer internalizar uma nova resposta – mas que também ainda não consegue saciar plenamente seu objetivo, pois existe um desejo não satisfeito que ainda sustenta o antigo hábito.

Então a pessoa fica nessa corda bamba, ora vencendo a “tentação”, ora sucumbindo a ela.

Se a pessoa não conseguir dar o passo seguinte e completar a transição – algo que a grande maioria das pessoas não sabe como fazer – o mais provável é que ela acabe retornando ao antigo hábito ou se tornando uma pessoa amargurada e infeliz, pois nesse ponto, nem o velho hábito nem o novo comportamento podem trazer-lhe plenitude...

Essa situação de conflito íntimo e de luta contra si mesmo (em cada comportamento específico) deve ser uma condição transitória, do contrário a pessoa exaure as suas forças, lutando contra um fantasma que a atormenta e que já não encontra espaço para expressar-se livremente como antes.

O próximo passo (e aqui entramos no que corresponde ao caminho do monge) é aumentar a força interior, fortalecendo o estado que nos mantém em oitavas ascendentes e nos impulsiona à superação.

No caminho do faquir vivemos um processo de batalha interior; porém para sustentar essa batalha é necessário fortalecer nosso exército, que tem a ver com tudo aquilo que nos dá ânimo e motivação para seguir avançando.

A transição para um novo hábito avança quando aprendemos a produzir estados superiores e com estes consolidar novos comportamentos.

É um axioma da sabedoria universal que somente uma lei superior é capaz de transcender uma lei inferior. Na sabedoria popular, se diz que só se cura uma dor de amor com um novo amor.

Em síntese, tudo que fazemos é no intuito de satisfazer algo que gostamos. O que precisamos para consolidar novos comportamentos é desenvolver o gosto por coisas novas, porém não basta substituir por qualquer coisa; precisamos preencher esses espaços vazios com a luz advinda da consciência e para isso, é preciso acessar estados superiores, para que eles nos saturem e nos preencham de forma que o sabor que sustentava os antigos hábitos fique obsoleto.

O Buda ensinou como fazer isso e deu uma ênfase muito grande nesse método de transformação interior, que denominou como os quatro esforços. Em síntese, são:

1. Cultivar condições para que os estados negativos que ainda não surgiram, não surjam;
2. Permitir que os estados negativos que surgiram possam ir embora;
3. Cultivar as condições que possibilitem que estados positivos apareçam; e
4. Sustentar os estados positivos, uma vez que eles surjam.

Quando se vive no piloto automático, é muito mais comum que as emoções destrutivas, os pensamentos negativos e os maus hábitos apareçam.

Cultivar condições para que os estados negativos não surjam significa desenvolver a sensibilidade para perceber quando nossos padrões negativos encontram um ninho ou terreno fértil e assim proteger-se de si mesmo, evitando tais circunstâncias ou, quando isso não for possível, blindar seu estado emocional para não permitir que os comportamentos autodestrutivos se manifestem diante do cenário que se se apresenta. Isso é uma habilidade que pertence ao caminho do faquir.

O segundo esforço tem a ver com a capacidade de entrar em contato com o desconforto produzido pelos estados negativos e ser capaz de lidar com eles sem intensificá-los; essa é uma habilidade que vamos estudar no caminho do iogue.

O terceiro e quarto esforços tem a ver com o caminho do monge, que é o caminho de criar e sustentar as condições para que os estados superiores de consciência surjam e se mantenham dentro da pessoa, construindo assim o seu foco e a sua realidade.

O V.M. Lakhsmi, em uma ocasião, dizia que somente os deuses e os homens e mulheres inspirados são capazes de viver a Gnosis. Isso porque na inspiração está a elevação do nosso estado de consciência, que nos coloca em contato com áreas superiores de nós mesmos, que permitem dissipar os espaços vazios produzidos pelos maus hábitos. Esse é o caminho do monge.

Todo estado negativo tem conexão com uma falsa construção da realidade, com falsos valores, que nos afastam de

nós mesmos, porém mais que isso: sempre que esses estados se manifestam, deixam em nós seu veneno, suas toxinas, que permitem que entremos de novo e de novo nos mesmo estados inferiores, cada vez com mais facilidade.

O antídoto para os estados negativos, que são a raiz dos maus hábitos, é conectar-se com estados superiores, produzidos pela inspiração, pela conexão com o próprio coração (como a intuição e a empatia), etc.

Em síntese, os estados superiores são produzidos através da profunda conexão consigo mesmo, com sua própria natureza, ou seja, com a Gnosis.

Esse aspecto tem a ver com a origem do termo religião, ou seja, religar-se ao que provisoriamente estamos desconectados.

É mais fácil dissipar os estados emocionais negativos quando a pessoa se sente repleta de inspiração. E essa inspiração é produzida, muitas vezes, pela expressão do próprio Ser, de sua própria verdade. É assim, cheios de uma força superior, que os estados negativos desaparecem. Esse é o caminho do monge.

Todo gnóstico deveria se converter em um buscador atento que deseja encontrar e cultivar tudo aquilo que lhe produz esses estados de inspiração.

Mesmo aquilo que nos inspira no mundo, seja uma bela flor, um pôr do sol, uma música, um livro, um filme, o sorriso de uma criança, tudo isso facilita a cura de nossos espaços vazios.

A mística, a espiritualidade, a empatia, o exercício de nossa vocação, a meditação, a oração, tudo isso produz o encontro com nossa própria verdade e por consequência, nos cura de

nossos espaços vazios, nos oferece novos sabores que substituem aqueles que sustentavam nossos velhos hábitos.

Tirar o foco daquilo que queremos extinguir dentro de nós e concentrar-se em algo que produz a elevação de nosso estado de consciência é o caminho mais inteligente para a transformação; mas isso não significa que seja fácil, pois possuímos um vínculo muito forte com os antigos comportamentos e quanto maior for esse vínculo, maior o desejo em realizá-lo e por consequência, maior o sofrimento envolvido nessa mudança. Chamamos isso, dentro do gnosticismo, de crises emocionais.

Ensina o V.M. Samael, que se a água não ferve a 100 graus não elimina as impurezas presentes. Assim são essas crises que passamos: elas ocorrem ao fim de todo ciclo, com o intuito de depurar o que já não serve e abrir espaço para algo novo.

O processo de superação de um vício, mau hábito ou um complexo é muito similar à cura de uma doença crônica.

Quando uma pessoa adoece, imediatamente começa a sentir os efeitos em seu corpo, que nada mais são do que a tentativa do nosso organismo de voltar a um ponto de equilíbrio, quando são ativados os mecanismos para destruir ou expulsar o agente causador da doença.

A febre, a diarreia, o vômito, a infecção, as alergias, etc. são alguns desses mecanismos, ou seja, não são propriamente causados pelo agente da doença, muito pelo contrário: são causados pelo corpo, combatendo a doença.

Mas pode ocorrer que o organismo não tenha vitalidade suficiente para lidar com aquela enfermidade e então este se enfraquece tanto em sua luta, que fará os sintomas

desaparecerem. A doença não está curada, só que agora nós não a sentimos mais, porque nosso corpo parou de lutar. Isso, de forma bem resumida, são as doenças crônicas. Elas seguem silenciosamente agindo sobre nós e podem inclusive nos levar à morte, embora aparentemente estejamos bem.

Se a pessoa começa um tratamento para recuperar a vitalidade do corpo, chega um momento em que ele volta a manifestar a força para lidar com aquela doença, e então a pessoa volta a ter febre, vômitos, etc., mas com um agravante: a doença já se tornou muito mais forte e por isso os sintomas são muito mais agressivos do que no início, quando a doença estava em um estágio inicial.

Na medicina natural isso é chamado de crise curativa e durante esse processo é normal a pessoa ter a impressão de que o tratamento está piorando a sua condição de saúde.

Nossos maus hábitos, vícios e debilidades emocionais são exatamente iguais a uma doença crônica. Estão lá, quietinhos e nós convivemos muito bem com eles, não nos incomodam. Porém quando resolvemos mudá-los, algo estranho acontece, similar à crise curativa. Assim são as crises emocionais.

Psicologicamente, é comum que as pessoas se encontrem em um estado de total passividade frente aos seus defeitos psicológicos. Porém quando se posicionam contra os próprios erros (parando de agir daquele jeito), é como ativar as forças curativas, após um longo período de crescimento silencioso daquela doença psicológica, fruto da nossa própria ignorância.

Obviamente que a "doença" ou mal psicológico vai reagir e vai desencadear muitas crises emocionais.

Não é raro que a pessoa abandone esse processo por acreditar que antes de tentar mudar, aquilo não era tão forte dentro dela. Mas esse tipo de crise curativa é o que vai gerar dentro da pessoa a força para não retornar à debilidade psicológica, uma vez que tenha sido superada.

Por mais que o processo de fixar o centro de gravidade em estados superiores nos permita transmutar as emoções destrutivas que nos vinculam a maus hábitos, esse processo tende a ser muito doloroso, porque significa romper com os nexos de causa e efeito que temos sustentado por muito tempo...

O caminho do monge corresponde, na sequência dos ensinamentos do Buda Sakiamuni, ao primeiro giro da roda do Dharma, que foram os ensinamentos dados por ele logo após ter atingido a iluminação, quando ele ensinou as quatro nobres verdades, que são:

1ª – a dor que permeia tudo, o sofrimento latente em toda experiência, que se manifesta semelhante ao óleo dentro da semente, que não é percebido até o momento em que essa semente é pressionada, então ele se manifesta;

2ª – a origem do sofrimento, ou seja, sofremos devido ao apego que nos faz desejar perpetuar todas as experiências agradáveis e repelir todas as desagradáveis, o que é impossível;

3ª – a cessação do sofrimento, que acontece quando nos tornamos independentes desse apego, pois o apego gera uma cristalização da experiência, que nos tira da presença no instante e nos lança em um terreno ilusório de expectativas e angústias;

4º - o caminho para estar pleno e presente em tudo que faz
– o nobre sendeiro óctuplo:

- 1) Compreensão e motivação plenamente adequados ao caminho (compreender a natureza do sofrimento e viver segundo esses preceitos acima descritos);
- 2) Não praticar ações não-virtuosas da mente (como desejar o mal, cobiçar algo ou achar que alguma coisa que produz o mal é boa);
- 3) Não praticar ações não-virtuosas através da fala (como mentir, caluniar, insultar ou tagarelar);
- 4) Não praticar ações não-virtuosas com o corpo (como matar, roubar ou ter conduta sexual inadequada);
- 5) Cultivar um estilo de vida adequado, que não cause sofrimento aos demais e que gere benefícios a todos os seres – ação no mundo baseada em compaixão, equanimidade, amor e alegria;
- 6) Esforço correto (descritos neste mesmo capítulo como “os quatro esforços”);
- 7) Atenção plena, sustentando o estado de lucidez sobre a forma como a atenção interage e constrói cada experiência;
- 8) Estabilizar a capacidade de acessar o estado natural da mente e manter-se nele, aprendendo a meditar corretamente.

O ponto-chave desse ensinamento é a compreensão do processo do sofrimento que deriva do apego a um comportamento que sentimos que já não nos produz satisfação e o caminho necessário para desvencilhar-se disso, gerando estados positivos para neutralizar os estados negativos.

No caminho do monge, que forma o pilar da religião dentro da Gnosis, temos que nos integrar com o elemento água e aprender a fluir através das experiências da vida, pois estagnar-se ou apegar-se naquilo que não nos corresponde mais é o que torna nossas vidas infelizes, o que nos escraviza, acima de tudo.

O ego é exatamente essa energia estagnada sobre uma expectativa fechada, uma fantasia sobre o jeito correto ou ideal de cada coisa, enquanto a essência é o fluxo incessante e adaptável, ajustado à necessidade do que se apresenta a cada momento...

Depois de aprendermos a produzir os estados que servem como antídoto para o veneno do apego aos velhos comportamentos, se faz necessário dar mais um passo no processo de amadurecimento, analisando o que dá sustentação ao apego por esses comportamentos. Isso é o que chamamos de o caminho do iogue.

Despertar para a realidade interior: o iogue

Há uma forma de fugir que se assemelha a procurar.

Victor Hugo

Despertar envolve um lento e contínuo esforço em desprender-se, liberar-se de si mesmo, de tudo aquilo que vamos descobrindo que nos limita e embota nossa percepção.

É um processo de ir para dentro, removendo camadas de inconsciência mais grosseiras para que as camadas de ignorância mais sutis fiquem expostas, em evidência.

É um fenômeno crescente, onde a desintoxicação física e psicológica permite a percepção de níveis mais sutis de consciência, que por sua vez expõe as crenças e dores mais enraizadas no núcleo de nossa identidade, que devem ser curados para que níveis mais profundos de nossa verdade se revelem...

Por isso, não é um movimento que dependa unicamente do esforço ou da inteligência, mas de permanecer, observar, intuir, esperar até que os sinais de uma nova descoberta apareçam...

É como entrar em um galpão escuro, sem janelas, em um horário de sol intenso: ao entrarmos e fecharmos as portas, somos invadidos pela escuridão do lugar. Mas se permanecemos, pouco a pouco o escuro vai cedendo espaço para contornos e silhuetas e dentro de algum tempo os olhos já identificam até nuances de tonalidades nos objetos.

Temos visto que, para cada comportamento, pensamento ou emoção destrutiva existe um trabalho progressivo, onde o centro de gravidade de nossa atenção ou consciência se desloca cada vez mais para dentro, saindo da parte puramente comportamental e viajando pouco a pouco em direção ao seu núcleo, ou seja, começando com o esforço por deixar de ser vítima das circunstâncias, para logo em seguida mudar o foco e desapegar-se do que lhe faz mal.

Todavia, o trabalho ainda não está completo, pois aquele comportamento tem uma forte sustentação em uma construção de realidade e enquanto esse esquema não se modificar, o hábito ou emoção existirá como uma espécie de tentação ou incômodo, algo que ora é subjugado e ora subjuga.

Todo comportamento revela, ainda que sutilmente, uma visão de mundo, uma interpretação da realidade, que supostamente dá coerência e consistência ao comportamento. É algo implícito, mas evidente, assim como um tiro pressupõe um atirador.

Toda situação que vivenciamos pela primeira vez na vida gera uma interpretação da realidade que se converterá em um modelo ou referência para todos os acontecimentos semelhantes e é assim como elaboramos os mapas ou esquemas cognitivos que utilizamos para fazer a leitura do mundo e de nós mesmos.

Esse modelo ou mapa construído traz estruturas pré-definidas e instruções específicas de resposta a um determinado tipo de experiências, associando emoções, crenças e interpretações muito específicas ao acontecimento.

Esse é o processo normal de formação de qualquer esquema cognitivo, ou seja, ele serve como um mapa para ler territórios que detectamos como semelhantes.

O aspecto mais assustador disso, no entanto, é que temos a tendência de não perceber as diferenças entre a experiência que gerou o esquema (que está no passado) e a experiência do presente. Pior que isso: o mais comum é que a pessoa veja a experiência atual como se fosse uma repetição exata do que já viveu.

Isso porque a realidade é construída a partir das interações do sistema nervoso. O que chamamos de realidade (o mundo exterior) não é uma coisa objetiva, que todos percebem igual...

O ambiente nos oferece a cada instante milhares de impressões, que chegam até nós através da visão, audição, tato, olfato e paladar.

Essas impressões, no entanto, seriam capturadas com o mesmo nível de importância, se não fossem os esquemas que construímos e que nos ajudam a filtrar, selecionar e priorizar o que é mais importante, descartando a maior parte das impressões, que são percebidas somente pelo inconsciente.

É por essa razão que, por exemplo, somos capazes de escutar a uma pessoa falando mesmo que tenham muitos sons e barulhos ao redor. E é por isso que muitas pessoas surdas, que poderiam escutar com o auxílio de um aparelho, preferem não fazê-lo, porque não desenvolveram este filtro cognitivo dos sons, não educaram o ouvido para isso e o barulho se torna indiferenciado e isso se torna aterrorizante.

É por essa razão também que conseguimos escolher, em uma fração de segundos, socorrer um bebê que está caindo da cadeira ao invés do prato de comida que está caindo junto. Ou seja, nossa ação está orientada por um esquema que define, dentre um mar de impressões, quais são prioritárias e necessitam da nossa atenção primeiro.

No entanto, nem sempre os nossos mapas ou esquemas possuem critérios adequados para fazer essa seleção das impressões. Supomos que uma pessoa esteja profundamente machucada por um relacionamento que não deu certo e por isso tenha medo de se aproximar de outras pessoas. Visto de

fora, sem conhecer sua história, pode ser que alguém interprete isso como arrogância, como um sinal de que essa pessoa não gosta de conviver com pessoas mais simples. Ambas estão reagindo de acordo com os seus esquemas, os quais estão fazendo recortes bem diferentes de uma mesma realidade.

Todo esquema tem uma pré-disposição a interpretar os eventos de um jeito específico e o que chamamos de mundo exterior é formado a partir dessa interpretação, pois é ela quem seleciona o que vai ser percebido no ambiente.

Porém, nossos mapas ou esquemas cognitivos não apenas filtram as impressões que consideram mais importantes. Elas podem atuar também praticamente construindo impressões que não existem, a partir de dados que em outra situação poderiam ser considerados completamente sem importância, na intenção inconsciente de satisfazer alguma predisposição que a pessoa carregue.

Por exemplo, se uma pessoa tem a predisposição de acreditar que os outros estão sempre tramando contra ela, criando armadilhas para prejudicá-la, esse filtro vai associar impressões secundárias em um ambiente de modo a confirmar suas suspeitas. É assim como o sorriso de duas pessoas que conversam baixinho no canto da sala, enquanto mexem no celular, significaria para essa pessoa que estão vendo uma foto que colocaram dela no Facebook e estão debochando.

Agora imagine uma pessoa que acabou com um noivado e jurou para si mesma que nunca mais amaria outra pessoa, para não se decepcionar. Se essa pessoa entra em um novo relacionamento, com essa atitude, vai decepcionar a outra, que espera mais daquele namoro... Até que um dia o outro vai embora também, porque não conseguiu viver uma entrega

sincera e é nesse momento que a pessoa amargurada diz pra si mesma: "É sempre assim, quando a gente está quase gostando de alguém, essa pessoa vai embora..." – mas na verdade, foi o seu medo de ser abandonada que criou essa situação, que era justamente o que ela mais temia que acontecesse.

É por essa razão que escreve o grande pensador italiano Víctor Hugo: "Há uma forma de fugir que se assemelha a procurar."

Algumas pessoas estão tão presas no que querem evitar que passam boa parte do tempo reagindo a essa catástrofe invisível e acabam inevitavelmente fazendo com que as outras pessoas comecem a responder da forma que ela mais temia.

Existe uma analogia que descreve perfeitamente isso, que é o estado de sonambulismo. Um sonâmbulo é alguém que está em uma situação qualquer, mas está respondendo ao ambiente segundo uma experiência muito particular e que ninguém além dele consegue enxergar.

Para um sonâmbulo, uma toalha no chão pode ser uma cobra que o ataca e a pessoa que está ao seu lado na cama pode ser alguém que acabou de lhe dar veneno. Isso porque o seu inconsciente apenas utiliza elementos do contexto externo para construir uma realidade interior e é a partir dessa construção que o sonâmbulo se expressa no mundo.

Assim, toda pessoa que responde aos estímulos externos baseado em um esquema ou mapa do seu passado está na mesma condição de um sonâmbulo. Por isso, temos pessoas que interpretam o sorriso de outras como um sarcasmo, enquanto há quem interpretam o mesmo sorriso como um sinal verde para uma nova amizade.

O pior disso tudo é pensar que não se trata de um sonâmbulo apenas, mas de sete bilhões de sonâmbulos, cada um nesse exato momento vivendo experiências de um sonho ou pesadelo particular e interagindo em um ambiente com outras pessoas que também estão em outros mundos, vivendo os seus sonhos ou pesadelos particulares... e todas essas pessoas respondem segundo a experiência onírica que estão vivendo, acreditando que aqueles com quem interagem também estão presenciando a mesma experiência...

O importante disso é que cada um perceba que suas respostas são baseadas em uma interpretação da realidade, em um julgamento que já tinha formulado inconscientemente antes de estar diante deste ou daquele cenário.

Dessas interpretações prévias ou previsíveis surgem a maior parte dos problemas que temos enquanto sociedade e espécie: o racismo, a segregação, as guerras, as desigualdades sociais, com todas as suas consequências, como ódio, fome, destruição, corrupção, etc.

Mas é possível não construir esquemas para interpretar a realidade? Não, do ponto de vista cognitivo, é impossível. Toda interação com o mundo se dá a partir dos esquemas construídos. Inclusive a linguagem é um esquema, ou seja, é um sistema representativo que descreve ou interpreta o mundo.

Mas é possível transformar os esquemas que foram construídos de forma ilusória, questionando seu significado e diminuindo seu poder de influência sobre nossas respostas sempre que estamos em um contexto que envolva percepção de valores, seja dos outros ou de nós mesmos...

Chamamos isso de transformação das impressões. As impressões, em si, não são aquilo que capturamos através dos sentidos, mas o que capturamos a partir dos filtros que estamos utilizando para construir o cenário dentro de nós.

O caminho do iogue começa quando a pessoa percebe que, em uma análise bem rigorosa, todas as circunstâncias carecem de um significado único, inerente. Somos nós que atribuímos valor às coisas... as coisas em si, as pessoas, as circunstâncias, nós mesmos, tudo tem o valor que acreditamos que tem.

Por isso duas pessoas podem estar em um mesmo evento, uma extasiada, radiante e outra completamente apática. Por isso que, por mais que uma pessoa seja muito importante para alguém, para outra pode ser completamente insignificante. O significado está nos olhos de quem vê e não naquilo que é visto.

Por essa razão Freud disse que quando uma pessoa fala de outra, revela mais coisas de si mesma do que sobre quem está falando.

As possibilidades de leitura e interpretação de qualquer acontecimento são praticamente infinitas e dependem dos esquemas cognitivos e das associações psicológicas que estão vinculadas a esses esquemas.

O iogue é um praticante das disciplinas espirituais que busca, acima de tudo, obter o domínio de si através do domínio da sua mente. Mais do que posturas e preparo físico, a Yoga é uma ciência que busca estabelecer a conexão consigo mesmo e com Deus através de um perfeito domínio da mente e dos sentidos.

Quem não aprende a dominar sua mente sempre será vítima de percepções construídas inconscientemente. Será escravo do que julga ser verdade, sobre si mesmo e sobre o mundo que o

cerca. E essas verdades construídas remodelam nossos recursos internos de tal maneira que nos tornamos tudo aquilo que construímos, pois para o cérebro não existe qualquer diferença entre o real e o imaginário.

O caminho do iogue se mostra em cada comportamento que começamos a dissecar no intuito de compreender quais são as crenças ou falsas verdades que o sustentam dentro de nós.

Por trás de todo comportamento nocivo, ou pensamento negativo ou emoção destrutiva existe uma certeza enraizada que lhe dá sentido, que lhe mantém vivo e forte. Encontrar essa mentira que temos contado para nós mesmos e modificar essa percepção é a chave para a compreensão de si e para a transformação definitiva.

Só quando substituímos as crenças inconscientes por percepções conscientes é que desenraizamos os comportamentos nocivos e então eles podem ser extintos; antes disso, tentar eliminar uma característica de si é semelhante a tentar matar uma árvore apenas arrancando suas folhas, ou seja, lutando contra seus efeitos.

Quantas mentiras temos contado para nós mesmos sobre quem somos e do que somos capazes? Quantas vezes permitimos que as crenças ou limitações de nossos pais ou educadores determinassem o que poderíamos ser? Como diz um ditado: "uma mentira, dita muitas vezes, acaba virando uma verdade".

No caminho de transformação de tudo que não queremos mais, começamos sentindo a necessidade da mudança e estabelecemos um acordo interno de não seguir sendo o que somos; logo aprendemos a produzir e sustentar estados

superiores que nos desvinculem daquela característica, que nos desidentificam do que queremos livrar-nos; e logo aprendemos a mudar os valores atribuídos e as crenças que temos associado àquilo e que impedem a extinção ou morte daquele aspecto nocivo que se agregou em nossa natureza. Essa última etapa pertence ao caminho do iogue.

Cada um de nós possui um conjunto hierarquizado de valores internos, que constituem o critério principal para todas as nossas decisões. Esses valores, somados a um conjunto de crenças ou verdades básicas sobre nós mesmos e sobre o mundo, formam o núcleo de onde sai nossa construção de realidade e por consequência, de nossa identidade ou personalidade.

Os valores internos têm a ver com aspectos de nossa consciência que já amadureceram. São elementos que carregam pistas de nossa verdade interior, pois são as coisas sobre as quais já despertamos o olhar, então dificilmente esses valores mudam. Com as crenças, no entanto, não é assim.

Temos diversas crenças que são úteis, porém existem outras que são certezas formadas a partir de falsas premissas, que nos atrapalham na busca de nossa própria verdade. Tais crenças são formulações inconscientes e precisam ser primeiramente confrontadas, questionadas; para então serem substituídas, de forma voluntária e consciente, por outras que nos sejam mais favoráveis e saudáveis.

Para que uma pessoa deixe de responder agressivamente a alguém, não basta comprometer-se a não fazer mais... Mas também não basta aprender a fixar a sua atenção em aspectos que elevem o seu nível de consciência, como a empatia.

Embora isso tudo seja fundamental, o fato é que cada vez que essa pessoa entrar em contato com uma situação produzida por alguém que a desagrada, a mesma raiva segue brotando, mesmo que ela já tenha um poder maior de escolha diante da ira. Isso é porque os motivos ou crenças que sustentam essa emoção ainda não foram trabalhados.

Por trás da ira que a pessoa expressa, existe um conjunto de “verdades” construídas que interpretam a situação. A emoção da raiva é só o expoente visível desse esquema utilizado para responder ao evento.

Pode ser que a pessoa tenha raiva porque seu chefe lhe dá uma ordem e ela não quer fazer aquilo daquele jeito. Por trás dessa emoção pode existir uma crença de que essa pessoa não deveria estar nesse cargo, por não ser qualificada para isso. Então, a inconformidade faz surgir a raiva e a menos que essa visão seja modificada, a raiva sempre vai se manifestar.

Pode ser que a raiva brote porque as coisas não saíram como queríamos. Então é possível que por trás dessa emoção exista a percepção de que as outras pessoas não estão tão engajadas quanto deveriam. A menos que essa leitura da realidade seja desafiada, a raiva sempre vai se manifestar.

Uma nova leitura do contexto se torna possível quando olhamos qual é a perspectiva ou quais as certezas que estamos usando como referenciais para então responder com tal ou qual emoção.

Há muitos anos atrás pude experimentar essa mudança de perspectiva em um acontecimento inusitado. Eu estava em um ponto de ônibus, distraído, quando recebi um forte golpe pelas costas, que quase me derrubou. Naquele exato momento fui

tomado de uma indignação muito grande e me virei para xingar o agressor... quando percebi que era um cego que havia tropeçado em mim. No exato momento em que eu mudei a interpretação do evento, a emoção liberada mudou, passando da raiva para um sentimento de aceitação e até vergonha de mim mesmo, por ter sido tão explosivo.

Observe que o evento não mudou – eu fui golpeado pelas costas – mas a interpretação do evento mudou e então a emoção se dissolveu automaticamente quando o significado mudou.

Essa é a síntese do caminho do iogue: todos os eventos são vazios de significado, e somos nós que atribuímos um sentido a eles.

Então, se mudamos o significado, mudamos a resposta cognitiva e emocional e é essa compreensão que precisamos amadurecer para poder liberar-nos do que não nos serve mais. E então a Mãe Divina Devi Kundalini pode fazer seu trabalho de morte.

O caminho do iogue está diretamente relacionado ao elemento terra e à ciência, pois é a percepção direta da construção de sentido que nos liberta da escravidão do erro.

Por isso disse o Cristo: “Conheceí a Verdade, e ela vos libertará”. Ao compreendermos o mecanismo da ignorância, não precisamos mais continuar sendo vítimas dele.

O caminho do iogue está relacionado ao segundo giro da roda do Dharma que foi a segunda oitava dos ensinamentos do Buda, quando ele começa a ensinar a respeito da vacuidade dos fenômenos, ou seja, que todas as coisas carecem de significado inerente em si mesmas. Exatamente o que precisamos para

escapar da ilusão que ainda nos prende a estados negativos e tóxicos.

No entanto, a fim de completar o processo de transformação, existe uma última etapa, que é a transcendência do batalhar dos opostos... o caminho do homem equilibrado.

Transcender a dualidade: o homem equilibrado

*O Caminho (Tao) é perfeito,
Como o vasto espaço,
Nada lhe falta, nada lhe é superficial.
Devido a fazermos tantas escolhas
Que sua identidade se perde da vista.
Não procuremos as perturbações exteriores,
Não permaneçamos no vazio interior;
Quando a mente repousa serenamente
na unicidade das coisas,
O dualismo desaparece por si só.*

Trecho de Hsin-Hsin Ming, de Seng-Ts'an,
3º patriarca do Budismo Ch'an

Os preceitos éticos e morais são uma parte importante das tradições espirituais, assim como a distinção entre a virtude e a não-virtude e esses aspectos são fundamentais para iniciar um caminho de transformação.

Porém, com o tempo vamos entendendo que qualquer definição depende sempre do referencial e do contexto para que se torne adequado ou não.

Nenhuma característica ou comportamento são bons ou ruins por si só, mas somente quando são contextualizados é que se polarizam e assumem essa ou aquela expressão. Por essa razão escreve o V.M. Samael que às vezes, até as máximas de ouro se transformam em um obstáculo para nosso trabalho interior.

Ou seja, todos os códigos de conduta são como um pedaço de pau que enterramos no solo e nele amarramos o broto, para que este cresça reto, para dar-lhe uma direção inicial. Porém, quando o broto cresce e se sustenta por si só, o galho se torna apenas um apoio e por fim, algo até mesmo desnecessário.

Poderíamos também comparar com a direção que temos para chegar a algum lugar, como por exemplo, se estivéssemos indo de Porto Alegre até Curitiba e não soubéssemos o caminho, alguém poderia nos dizer: "Vá na direção de Florianópolis" e isso estaria correto por um bom trecho da viagem. Porém se já estivéssemos perto de Blumenau e tomássemos o caminho apontado por uma placa em direção a Florianópolis, obviamente isso representaria um desvio do nosso objetivo, um retrocesso.

O mais paradoxal a respeito dos modelos de conduta e pressupostos de sabedoria é que nos fazem acreditar que

estamos todos em um mesmo ponto e sofremos dos mesmos males.

E esse é o grande desafio das escolas iniciáticas: ensinar um método para ascender que não esteja limitado por estruturas rígidas e que seja útil para todas as pessoas, independente do ponto em que se encontram em seu caminho, e independente também das características do seu temperamento.

O único método que pode fazer isso é o despertar a consciência, para que a própria pessoa se dê conta do ponto em que está e qual a direção em que necessita mover-se.

O homem equilibrado é o resultado de uma reeducação, tanto de comportamentos, emoções, pensamentos e propósito, no sentido de tornar-se cada vez mais independente das influências externas.

Os mestres de sabedoria de todos os tempos se distinguem das multidões porque não dependem das circunstâncias agradáveis para gerarem um poderoso estado de consciência. Eles não são reativos, ou seja, podem escolher à vontade os seus estados interiores para lidar com as coisas do mundo, porque construíram um núcleo de estabilidade interior que os torna livres.

Para alcançar isso, é necessário estabilizar o acesso (mediante uma ciência que se chama rigpa em tibetano, prajna em sânscrito, gnosis em grego) ao núcleo da consciência primordial, ou seja, da inteligência arquetípica (nosso Ser Interior, nossa Verdade) que nos conecta com a fonte de todas as coisas e permite construir uma percepção não-dual da realidade, onde a pessoa intui e percebe a inseparatividade entre sujeito e objeto.

Isso significa dizer que a aproximação constante com nosso Ser nos tira da ilusão de que as coisas que estão acontecendo no mundo são reais e independentes de nós. Na verdade, elas são espelhos... O homem é a medida de todas as coisas, porque é através de si mesmo (ou seja, de suas estruturas e da maneira como elas se organizam) que o seu mundo é construído... então a tendência é parar de batalhar tão duramente no mundo e começar a travar as batalhas no campo onde elas realmente são decididas, que é dentro de si mesmo.

O resultado disso é que se alcança a notável habilidade de estar em meio ao mundo sem ser vítima de nada.

Isso não quer dizer tornar-se apático, mas sim deixar de ser escravo do que pensam e falam de nós, assim como deixar de ser escravo da necessidade de que tudo corra bem.

Não se fascinar com nada não significa não sentir nada, muito pelo contrário; significa poder escolher o que vai sentir, sem estar preso nas circunstâncias da vida.

Existe um conto que ilustra bem essa questão. Conta-se que em uma região da China existia um bando de ladrões que eram incrivelmente cruéis e iam de povoado em povoado saqueando as casas. As maldades que faziam com as pessoas tinham produzido tamanha fama que nas aldeias se mantinham pessoas em vigilância constante, para o caso de que, se aparecessem, imediatamente as pessoas abandonavam suas casas, de maneira que os bandidos já estavam acostumados a chegar em lugares totalmente desertos para saquear.

Em um vilarejo, no entanto, vivia um sábio que permaneceu fazendo seu chá, indiferente aos gritos das pessoas abandonando o lugar pela chegada dos bandidos.

Quando estes chegaram e viram que todos haviam fugido, como de costume, exceto aquele velho homem, foram contar isso para o líder do bando, que era o mais cruel de todos.

“Se todas as pessoas foram embora, menos aquele homem, é porque eles sabiam que chegaríamos. E o fato dele não ter ido embora é para demonstrar que não tem medo do senhor”, disseram ao bandido.

Em resposta, ele foi até a casa do sábio e, ao entrar, destruiu a porta em um só golpe, para intimidá-lo, o que não surtiu qualquer efeito, pois o sábio permanecia indiferente, tomando seu chá que havia preparado algumas horas antes.

O bandido puxou sua espada e a encostou no pescoço daquele pequeno homenzinho que estava diante dele, mas que parecia não perceber que corria risco de vida. “Você sabia, velho, que eu posso arrancar sua cabeça sem piscar um olho?”, disse o homem, demonstrando sua força e brutalidade.

“E você sabia”, disse o sábio, olhando nos olhos do homem, sem qualquer temor, “que eu posso permitir que você arranque minha cabeça e mesmo assim eu não vou piscar um olho sequer?”

Aquele homem então se deu conta que estava diante de alguém contra quem ele não poderia fazer nada... nem matá-lo mudaria o fato de que havia encontrado alguém muito mais poderoso que ele. Então, em respeito, seguindo um velho código de honra (talvez neste ponto as coisas tenham mudado um pouco nos últimos séculos), guardou sua espada e se retirou do vilarejo, levando seus homens consigo.

Construir um centro de gravidade permanente dentro de si mesmo é o que permite ser capaz de parar de oscilar com as situações da vida.

Pode parecer uma contradição que as multidões, identificadas com todas as coisas que lhes acontecem, apesar de “dançarem conforme a música” que toca no cenário da vida, mesmo assim não estão adaptadas às circunstâncias, pois apenas reagem aos eventos trazendo do subconsciente todas as respostas rigidamente programadas, com os quais respondem à vida, seguindo os moldes construídos por situações que aconteceram no passado.

É assim que, quando uma pessoa parecida com alguém do nosso passado se aproxima, temos a tendência de interagir com ela carregando toda bagagem emocional relacionada à pessoa que já conhecemos. Essas respostas ao ambiente nos demonstram que vivemos em um estado de sonho contínuo e é muito pouco o que realmente percebemos do mundo que está acontecendo ao nosso redor, pois tudo que nos ocorre nos remete a memórias que nos jogam de volta nas prisões e condicionamentos que já estão petrificados no passado.

O homem equilibrado, o homem ou mulher que aprendeu a gerar dentro de si um núcleo de estabilidade, para ter lucidez e discernimento frente ao mundo, não “dança conforme a música”, pois compreende que as circunstâncias são vazias de significado em si, e somos nós quem atribuímos esse ou aquele sentido ao que estamos vivendo – na maior parte das vezes, seguindo o fluxo das nossas tendências emocionais.

Assim, o homem ou mulher equilibrado busca, antes de mais nada, não se perder de si, não sair do seu coração tranquilo, pois ao perder isso, se perde a conexão com o presente e mergulha

nesses estados oníricos que são memória, medos e expectativas. Saindo do presente, se abandona a vida.

Para estar presente é necessário estar fluindo com as experiências, pois a vida possui essa dinâmica e esse ritmo; tudo que é vivo flui, está em constante movimento e transformação. Tudo que está em decrepitude está rígido, empedrado, inerte.

Nossa mente tem o sonho de viver em um mundo estável, seguro e previsível, que simplesmente não existe. É a constante mudança e imprevisibilidade que caracteriza o mundo natural. Então, na busca por segurança, nossa mente constrói esquemas de regras e padrões, a fim de evitar ou prever os perigos.

Porém estes esquemas nos afastam da vida que está acontecendo. É como tentar dançar uma valsa não importando o tipo de música que esteja tocando no salão, só porque a pessoa sabe dançar valsa muito bem.

Essa é a diferença entre equilíbrio dinâmico e equilíbrio estático. Uma pessoa parada sobre os dois pés aparentemente está equilibrada, só que não pode se manter para sempre nessa condição, pois ela é estática e a vida é dinâmica.

Ao analisarmos, no entanto, o que acontece quando entramos em movimento, percebemos a complexa interação de pequenos desequilíbrios produzidos pela mudança do centro de gravidade de uma perna para a outra é algo que se fosse fotografado em cada milissegundo revelaria, em cada foto, um completo desequilíbrio. Porém, tomado em seu conjunto, demonstra equilíbrio. É o que chamamos de equilíbrio dinâmico.

Levando essa análise para o campo da vida prática, as pessoas que demonstram equilíbrio na vida nem sempre são

equilibradas internamente, pois o verdadeiro equilíbrio não está relacionado à simples conduta, senão que é a algo que prova nas situações mais duras que a vida apresenta... ali é que, acima de tudo, se faz necessário saber sustentar-se por um propósito, ajustando os movimentos para que este seja atingido.

Assim como a qualidade do aço, o equilíbrio é provado pelo fogo...

Ser equilibrado não é ser previsível ou ter as mesmas atitudes "adequadas" diante das mesmas situações.

Ser equilibrado tem mais a ver com a continuidade em um propósito, por mover-se por uma mesma e única razão... e como não existe algo no mundo que possa nos oferecer esse motivo para existir, pois todas as coisas são impermanentes, isso significa que o único caminho possível para atingir o perfeito equilíbrio dinâmico é buscar encontrar e manifestar sua própria potência, confiando plenamente nessa voz silenciosa que emana do coração tranquilo... seguir seus caminhos e confiar que ela sempre nos conduzirá na direção do que é melhor para nós.

Por isso os sábios não são reativos, não são vítimas das circunstâncias, porque o que os move internamente não é conforto, satisfação, expectativas ou a repulsa a tudo que pode afastá-los do que é agradável.

O que os move é a busca por estar na plenitude de seu próprio Ser, estar em sua presença, tornar-se aquilo que, de fato, sempre se foi.

Assim, os eventos que estão acontecendo no mundo exterior passam a ser secundários. Não é que não importem; apenas não são a sua prioridade. E é por isso que nas provas de fogo da

vida são capazes de demonstrar serenidade e equilíbrio, pois o seu centro de gravidade não está em nada que o mundo possa oferecer.

Para um sábio, permanecer na presença de seu coração tranquilo é o mais importante, porque ali ele está em comunhão com Deus. Então ele aprende a não se perder de si mesmo.

A nossa energia criadora sempre se movimenta na direção que fixamos o objetivo. Enquanto uma pessoa tenha o objetivo de buscar o que lhe dá satisfação e evitar tudo que lhe tira dessa condição, sempre vai ser escravo, em maior ou menor grau, das circunstâncias e das pessoas.

Dessa forma a energia não se fixa onde precisa se fixar e não se constrói um centro de gravidade, pois a pessoa vive como uma folha ao vento, cheia de expectativas e temores sobre o que vai lhe acontecer, totalmente dependente do bom e do ruim, sofrendo e se alegrando com os resultados aparentes, acreditando que vai ser feliz se tudo sempre der certo em sua vida...

Felicidade é algo mais profundo e estável, que não depende dos momentos bons e alegres somente.

O sentido de felicidade depende de perceber que existimos por um propósito, algo que, independentemente dos resultados obtidos, continue instigando nosso coração a buscar, pois não é chegar a nenhum lugar, mas sim estar nessa jornada... é um estado específico, um sentir orientado a um propósito.

Assim, é possível sustentar a felicidade mesmo nos momentos difíceis, pois a felicidade nos faz perceber que as circunstâncias vêm e vão, e assim como os bons momentos passam, os ruins também passarão. Mas para isso, nosso eixo

não pode estar nos efeitos que ocorrem no mundo, senão dentro de si.

Esse estado que buscamos sustentar nos torna alegres com os resultados e nos fortalece e se faz refúgio nos momentos tristes; mas o seu centro de gravidade não está em nada que acontece fora de nós mesmos. E é por isso que pode ser sustentado, porque não depende das circunstâncias da vida.

“O homem pode estar em tudo, porém não deve ser vítima de nada”, ensina o V.M. Samael. Ou seja, podemos nos servir de todas as coisas da vida, mas não é conveniente estar com a nossa energia presa a nenhuma delas. Porque elas vêm e vão e nosso propósito está mais além disso.

Essa percepção da vida, sustentada através dos anos, nos faz economizar e direcionar nossa energia de tal forma que estabiliza um tipo de visão transcendente, que não está mais condicionada à relatividade aparente.

Isso aproxima o sábio do acesso à fonte de onde emana toda sabedoria, a fonte intocada, onde as coisas não estão separadas umas das outras... é o ponto em que se alcança o que os antigos chamam de a Verdade, a Talidade.

O homem equilibrado, portanto, não é o resultado de um comportamento polido e correto. O homem equilibrado é o que aprendeu a ajustar o salto de acordo com a distância. É aquele que aprendeu inclusive a transcender o método, ou o jeito certo de fazer cada coisa.

Por isso, encontramos a expressão do homem equilibrado dentro da arte, da transcendência dos métodos e das formas.

A arte é o fogo purificador da vida; é aquilo que dissolve a rigidez dos conceitos e das formas e constrói novos caminhos, em direções sequer imaginadas.

Por isso todo sábio é um artista ou mestre da vida, porque não apenas estudou o caminho, mas o viveu e se tornou o próprio caminho, tornando-se apto a facilitar a travessia de outros que buscam a mesma direção.

Em síntese, os quatro caminhos são as quatro etapas ou estações que precisamos para atingir a maestria em cada aspecto de nossa própria natureza:

- Primeiro aperfeiçoamos o caminho do faquir (filosofia), que é a busca por uma mudança de atitude baseado em uma nova visão. Essa mudança, a princípio, ainda não é natural, e requer vontade, perseverança e disciplina aliadas à compreensão que sustenta a necessidade de seguir nessa direção;
- Logo, vamos pouco a pouco aprofundando essa mudança para dentro – esse é o caminho do monge (religião), nos integrando com as áreas da consciência que produzem estados superiores e que alimentam e fortalecem esse novo comportamento e dão força à transformação que está se processando;
- Na sequência, vamos encontrando as raízes que sustentam o velho hábito e descobrimos que ele foi construído baseado em uma interpretação da realidade. É nesse momento em que começamos a etapa do caminho do iogue (ciência) que vai desconstruir essa realidade, a fim de remover as raízes que ainda dão sentido àquilo que já não nos serve e que precisa morrer dentro de nós;

- Por fim, a pessoa transcende a relação de dependência quanto às circunstâncias boas e ruins relacionadas àquela velha atitude, voltando a sua energia para dentro, construindo um propósito que vai dissolvendo a força de causa-efeito que mantinha o padrão vivo; é o caminho do homem equilibrado (arte), que aprende a refugiar-se em si mesmo e não mais nos resultados do que faz.

Os quatro caminhos são etapas no amadurecimento de qualquer habilidade e, de forma mais específica, etapas no amadurecimento do caminho em direção à sabedoria.

Se uma pessoa quer desenvolver paciência, por exemplo, primeiro necessita batalhar contra sua própria ansiedade, impaciência e todos os elementos que fazem oposição a essa nova percepção (faquir). Essa é uma etapa dura, de grandes batalhas.

Pouco a pouco, é necessário construir uma base emocional para nutrir e fortalecer a paciência, que de forma incipiente, tenta crescer (monge). Em seguida, é necessário desconstruir as crenças e percepções distorcidas que dão sustentação para os elementos opostos à paciência (o iogue), até culminar os esforços de tal forma que a paciência se naturaliza, substituindo o antigo padrão (homem equilibrado).

Da mesma forma, em um sentido mais amplo, começamos o caminho de transformação interior mudando comportamentos nocivos (faquir), em seguida fortalecendo-nos nessa jornada através da construção de estados superiores (monge), para logo aprofundar a compreensão nos esquemas mentais que criaram e ainda sustentam esses comportamentos (iogues), até o momento culminante em que transferimos nosso centro de

gravidade para dentro e aprendemos a viver as experiências sem estar preso a elas (homem equilibrado).

O caminho do homem equilibrado corresponde ao terceiro giro da roda do Dharma, quando os ensinamentos do Buda voltaram-se para a Talidade, para a verdade última de todas as coisas, que é a própria natureza búdica de todos os seres, e a transcendência da relação de dualidade, onde não existe mais sujeito nem objeto.

A transcendência da visão dual permite também a transcendência da ação condicionada e assim é que se atinge o estado de liberdade interior, onde o sábio não está mais preso ao que acontece à sua volta.

TERCEIRA PARTE

O CAMINHO DE VOLTA

O templo interior

O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa.

E assim como todas as coisas vieram do Um, assim todas as coisas são únicas, por adaptação.

Trecho da Tábua de Esmeralda, de Hermes Trismegisto

Gnosis é o mistério presente em cada ato do cenário da vida e também é o objetivo final de toda essa trama...

Tudo que existe, do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, converteu-se na morada da vida, que se desdobra e se sacrifica nas aflições da matéria a fim de descobrir e aperfeiçoar a percepção de si mesma...

Tudo que existe busca conhecer a si mesmo, do ponto em que está, subindo em direção à encarnação da verdade que entrelaça todas as coisas e o conduz de volta ao ponto de origem...

Não existe um só fragmento de poeira, em todas as galáxias e universos, desprovido de propósito e inteligência.

Os antigos sábios ensinam que tudo que existe está formado de:

- Matéria, que lhe dá forma e expressão nas diferentes frequências (dimensões) do mundo;
- Energia, que é a força que entrelaça e mantém a vida interligada à matéria, é o agente integrador; e
- Consciência, vida ou inteligência, que é a partícula espiritual que anima a matéria.

Sem matéria, a vida não teria expressão; sem energia, não se manteria nem se transformaria; sem consciência, não cumpriria o seu chamado.

Existe uma inteligência elementar presente em cada aspecto dessa criação, indo do infinitamente grande ao infinitamente pequeno...

Tal inteligência se expressa desde as partículas subatômicas de qualquer elemento da natureza, que as permite seguir cumprindo o chamado que as liga ao papel que desempenham.

Quando essas partículas se reúnem e formam um simples átomo, uma inteligência de tipo superior àquela que habita cada partícula subatômica toma expressão e assume o conjunto e a complexidade daquele átomo, coordenando e favorecendo o trabalho das distintas inteligências ali presentes.

Quando um conjunto de átomos se aglomeram na forma de uma molécula, um tipo de inteligência superior à inteligência de cada um daqueles átomos se expressa como alma ou vida da molécula, que lhe dá características que não estavam presentes em nenhum dos átomos que a constitui.

Essa alma se encarrega de utilizar a expressão de matéria e energia ali presentes para cumprir seu papel no grande cenário da vida e, por mais humilde que seja esse papel e por mais elementar que seja sua inteligência, ela é da grandeza precisa para que a vida possa prosseguir em níveis mais e mais complexos, manifestando-se e aperfeiçoando-se.

A partir dos agrupamentos de moléculas, a vida vai assumindo características cada vez mais óbvias segundo o espectro de alcance que nós, seres humanos, concebemos como vida.

Se compreendemos que o olho só pode ver um espectro da luz e o ouvido só escuta um espectro do som, assim acontece com nossa percepção do que conceituamos como vida.

Surgem complexos que possuem uma temporalidade. É a vida assumindo características, desde reinos absolutamente

simples, como bactérias, fungos, componentes celulares, como os ribossomos, o DNA, etc.

Nas células, cada complexo desses passa a ser a morada de uma inteligência superior, que assume o papel de tomar expressão em seu conjunto.

Cada uma das células é formada por uma complexidade tão grande, digna de um ecossistema rico e virtualmente infinito; cada uma com seu regente, que é a vida ou inteligência incumbida de ali habitar para cumprir o propósito ou chamado ao qual foi designada.

O mesmo se sucede quando um conjunto de células forma um tecido... e quando os tecidos orgânicos se estruturam como órgãos, o processo é idêntico: em cada agrupamento, uma inteligência superior vem abrigar-se ali e cumprir seu chamado.

Quando um conjunto de órgãos se estrutura na forma de um organismo, aí temos o ponto em que nos encontramos. É uma inteligência superior – nossa própria essência ou alma – vem residir nesse universo tão complexo e cheio de infinitas possibilidades.

No entanto, o processo não para aí.

Nos agrupamentos de pessoas também existem inteligências superiores que por ali se expressam. São o que os antigos romanos chamavam de Deuses Penates, referindo-se especificamente aos espíritos protetores das famílias.

Nos meios esoteristas, se dá o nome de egrégora a essa inteligência que vem a ser a soma de várias pessoas reunidas ao redor de um mesmo ideal ou existindo sob um mesmo teto.

Nos bosques e selvas, por exemplo, existem os Devas elementais que atuam como regentes, expressando-se por meio de todas e cada uma de suas partes, que são as criaturas que ali habitam.

E assim seguem os grandes ecossistemas, as populações, povos, nações, civilizações... até chegarmos em Gaia, a Grande Mãe Terra.

Mais além disso, as inteligências planetárias se organizam em sistemas solares, que são parte de complexos galácticos maiores e assim seguimos, de novo, em uma cadeia que escapa da nossa capacidade de perceber.

Do ponto em que estamos, que é o que nestes momentos mais nos interessa, cabe perceber que nos foi designado um papel muito grandioso dentro da criação.

Sob nossa direção estão um número infinito de inteligências atômicas que precisam aperfeiçoar-se e despertar para o grande propósito que somos chamados a cumprir.

Somos a inteligência reguladora de um microbioma gigantesco, formado por inteligências que atuam desde proporções infinitamente pequenas... um adulto mediano possui cerca de 30 a 40 trilhões de células humanas em seu organismo; porém carrega mais ou menos outros 40 trilhões de bactérias, muitas das quais contribuem em processos vitais para manutenção da vida.

A medicina tradicional chinesa ensina que cada órgão possui uma inteligência arquetípica que emite sua vibração correspondente para o restante do corpo, a qual se converte em uma emoção quando cruza a fronteira biológica e se manifesta através de nossa psique.

O gnosticismo compartilha dessa mesma percepção e chama a tais inteligências de átomos engenheiros, que coordenam um número infinito de átomos operários, inteligências elementais de nosso mundo interior que, sob tal regência sustentam a atividade incessante que nos mantém vivos.

Cada vez que recordamos de nosso próprio chamado, impregnamos cada célula de nosso organismo de um tipo especial de força, como se permitíssemos que uma energia superior chegasse até elas... e assim o corpo vai emitindo e recebendo o pulso eletromagnético do coração, que é o encarregado dessa sincronização, que realinha cada uma das diferentes inteligências presentes, lembrando que juntas precisam realizar um profundo trabalho de manutenção e transformação, indo em direção à plenitude.

Nosso papel, como inteligência regente desse microcosmos, é construir as condições adequadas para que nossa verdade, nosso Ser interior, se expresse e se realize em sua plena potência.

Olhando do ponto em que estamos, fisicamente falando, nossa meta é fazer com que nosso Ser possa descer e manifestar-se através de nossa mente, coração e sentidos; mas se invertêssemos a perspectiva, realizar esse caminho é na verdade ser elevado até o ponto inefável de onde a Verdade entra em movimento e se desdobra nas infinitas formas do mundo; é voltar ao lugar de origem, onde o relativo desaparece e tudo vibra em uma condição indiferenciada, absoluta. Este é o ponto de onde a Gnosis palpita...

Esse caminho de volta, no entanto, depende de um conjunto de fatores que precisam ser desenvolvidos. Poderíamos dizer,

metaforicamente, que a descida é feita por um escorregador; mas a escada para voltar ainda precisa ser construída.

Dá-se o nome de a Grande Obra ou *Magnus Opus* ao gigantesco labor empreendido no intuito de criar as condições para que a perfeição venha a se expressar através da parte humana. Trata-se nada menos que fundir o divino e o biológico de tal maneira que se possa existir no mundo, sem estar preso às condições da matéria.

Esse é o trabalho que todos os homens e mulheres sábios tiveram que realizar, a fim de atingir os mais altos graus de perfeição que as escolas iniciáticas de todos os tempos se referem. O hierofante egípcio, o arhat budista, o rishi ou mahatma hindu e o mago caldeu, todos eles compartilham da condição de expressar na parte humana o arquétipo de perfeição que é seu Ser ou Deus íntimo.

O gnosticismo chama essa condição interior de “maestria” e esse trabalho de a Autorrealização íntima do Ser.

Atingir a maestria não é questão de erudição. Nem o tempo, nem as recompensas do mundo podem outorgar a uma pessoa a condição de que seu Deus interior, sua Verdade profunda, venha a se expressar através de seu corpo, verbo, mente e coração.

A maestria é o resultado de um longo trabalho de entrega e dedicação completa na construção de seu templo interior.

Semelhante à entrega com que um atleta ou músico se dedica a atingir a perfeição em seu desempenho, até nos mínimos detalhes, assim é como o verdadeiro aspirante à sabedoria examina sua própria vida...

A diferença de qualquer profissional de alta performance para alguém dedicado à construção de seu templo interior é que o primeiro trabalha no mundo e o próprio mundo premia a sua dedicação.

No entanto, o operário da Grande Obra trabalha no silêncio de seu próprio coração e no laboratório alquímico de seus instintos e paixões, separando o espesso do sutil, o útil do inútil, suavemente e com grande cuidado. Ele está a serviço e entregue ao chamado que luta por cristalizar-se, dentro de si; mas como só ele escuta essa voz, só ela é quem pode recompensá-lo e assim o faz, presenteando-lhe com a paz que emana de sua própria presença, na exata proporção em que ela vai se tornando cada vez mais o propósito de sua própria existência...

Construir o templo interior significa criar as condições adequadas para a Gnosis possa fluir e manifestar-se, não mais através de lampejos esporádicos, mas sim através de um potente estado de conexão com o todo, que já não depende de condições favoráveis e que vai, na medida em que o iniciado vai alcançando a perfeição na maestria, se tornando mais frequente, até o ponto em que se torna contínuo.

Assim é como os homens e mulheres que através dos séculos atingiram esses altos níveis de perfeição puderam se tornar como faróis para toda a humanidade... são luzeiros porque fizeram de seu corpo e de sua alma a catedral onde seu Deus íntimo podia officiar...

Gnosis: o caminho da liberdade

Caminhante, não há caminho; se faz o caminho ao andar...

Antonio Machado

A finalidade da Gnosis, em uma palavra, é a felicidade. Esta, no entanto, bem definida, uma vez que é comum confundirmos a alegria e os bons momentos com a felicidade.

Toda criatura busca evitar a dor e aproximar-se do prazer, da segurança e do conforto. A vida, no entanto, nos oferece um misto de situações, trazendo motivos ora para a alegria, ora para o sofrimento e a aflição...

Se condicionarmos a felicidade aos bons momentos vividos, estamos condenados a jamais desfrutar dessa bênção de forma permanente e assim seria algo inalcançável, ou escassamente presente, dependendo mais da sorte do que da nossa visão frente à vida.

O desejo por alcançar algo, quando satisfeito, rapidamente se transforma em aflição e medo por não perder o foi conquistado.

Condicionar a felicidade aos resultados é escravizar-se em um jogo viciado, onde não é possível ganhar, pois mesmo os resultados positivos logo nos fazem perceber o quão difícil e até improvável será sustentar por muito tempo a condição adquirida...

É claro que os bons momentos nos alimentam, nos trazem a segurança necessária para atravessar os momentos de tempestade; mas a felicidade está mais além disso, está em se libertar da ansiedade e da expectativa por qualquer resultado.

Ensina o V.M. Galeno que existe uma magia presente no exato instante em que ocorrem as transições, em todas as coisas... e assim compreendemos que nesse ensinamento está a chave da felicidade.

No momento em que uma coisa já não é mais, mas a seguinte ainda não se apresentou – nesse momento existe um espaço de liberdade e, entre outras coisas, é nesse vácuo que se encontra a janela para a felicidade.

A felicidade não está na busca incessante por resultados positivos (que sempre nos tira do presente), com sua inevitável aversão aos resultados negativos, situações que nos jogam em uma montanha-russa de emoções, ora boas, ora ruins.

Porém tampouco está na ausência de sentido para viver, ou seja, viver o instante sem um sentido que transcenda o próprio instante.

Entre o extremo do desejo por resultados e o outro extremo de viver sem almejar nada, ali está o espaço de liberdade onde ocorre a felicidade.

Felicidade é o que se alcança cultivando um propósito em ser pleno no exato instante – aí está a chave.

Ou seja, a felicidade não tem a ver com o resultado do que se faz, mas com a vivência intensa e o cultivo daquilo que nos chama a SER.

Se as coisas dão certo, esse estado de presença nos permite saborear sem se perder na aparência inútil do que desvanece como uma bolha de sabão...

Se as coisas dão errado, esse mesmo estado de presença nos proporciona a força interior para não colocar energia em cima da dor, agregando sofrimento ao sofrimento já existente.

E é assim que a felicidade nos mantém sóbrios e estáveis, porque o ponto cêntrico não está em nenhuma coisa que acontece fora de nós, mas sim no cultivo dessa integração entre

a alma e seu espírito, que é seu propósito, cuja presença transcende toda e qualquer aparência do mundo.

Felicidade é a busca por ser pleno e estar sincronizado com esse propósito que palpita, aqui e agora, que nos chama, que revela sua verdade na sutileza de um coração atento e sensível.

Esse propósito não está no desejo, que nos joga para o futuro imediato e para a expectativa fabricada pela mente. Esse propósito não está na satisfação pessoal, mas na renúncia de si e na entrega completa a esse chamado íntimo... aquilo que o V.M. Samael chama de o dever Parlok de Ser.

Se fôssemos apenas presentes, sem um propósito íntimo que nos fizesse caminhar em uma direção, seríamos como todas as demais criaturas da natureza, vivendo a vida apenas como um fim em si mesma.

Mas se nossos esforços se resumirem a obter do mundo algum tipo de efeito positivo, estamos construindo uma jaula de ouro onde vamos, para sempre, morar...

É assim como a senda do fio da navalha se mostra: um caminho do meio, que se manifesta nas transições...é o ponto cêntrico de um extremo ao outro do pêndulo, onde ele não está nem à direita, nem à esquerda... ali está a janela em direção à liberação.

A felicidade, portanto, é construída de momento a momento, removendo as camadas de ansiedade, expectativa e desejo; e sustentando, apesar disso, uma forte conexão com o propósito que nos liga com cada coisa que fazemos, o propósito de, naquilo, ser por inteiro.

Fernando Pessoa, sob o pseudônimo de Ricardo Reis, escreve:

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

A lua inteira brilha em cada lago, porque alta vive, ou seja, ela não se preocupa em colher dos resultados do seu brilho refletido no lago; apenas se importa em brilhar. E assim, seu efeito se expande para mais além do que ela pode notar.

Felicidade, portanto, é um estado de perceber a vida; é uma maneira de viver, orientado por um propósito que transcende os resultados aparentes em cada evento. É uma forma de estar presente e também uma forma de acolher o que surge ao longo desse estado de presença.

Para viver segundo o propósito de ser feliz, não pode haver outra intenção além da própria caminhada; pois a felicidade não pode estar condicionada a atingir algo, mas apenas movimentar-se na direção de seu próprio centro de gravidade, independente dos resultados obtidos...

E a liberdade se constitui no grande instrumento para nos conduzir à felicidade.

Pensamos, geralmente, que felicidade é fazer o que quiser, do jeito que quiser. Mas a prisão está dentro... e muitas vezes é justamente o condicionamento de escravo e não de criatura livre que nos leva a querer fazer o que fazemos...

Como podemos pensar em liberdade para agir se nossas reações ao mundo estão todas pré-definidas, armazenadas em nossos esquemas cognitivos e prontas para entrar em ação ao menor sinal de um evento catalizador...?

O raivoso, que costuma xingar sempre que se sente ameaçado, tem alguma escolha diante do insultador que não seja exercitar o seu papel de escravo da raiva?

Somos escravos de nossos estados impulsivos, de nossas crenças limitantes; e também da necessidade de que as coisas deem certo.

Libertar-se dos frutos de sua própria ação; libertar-se das suas camadas de sofrimento; de sua autopiedade; de seus complexos e medos; e viver a vida, guiado por um propósito que se alcança a cada segundo, dentro de si mesmo, na satisfação de estar pleno e potente: esse é o caminho da Gnosis: o caminho da liberdade.

Gostaria de seguir estudando sobre Gnosis?

Entre em contato conosco:

contato@rogeralves.com.br